

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

YONÁRIA OLIVEIRA CORNÉLIO

A CIDADE E A CIDADE: o bairro Piauí a partir de 1980.

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº M775
CDD 981.228
Parnaíba - PI CUTTER C 819 c
2010 V EX. 01
Data 05 107 112.
Visto. [Assinatura]

YONÁRIA OLIVEIRA CORNÉLIO

A CIDADE E A CIDADE: o bairro Piauí a partir de 1980.

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos pré-requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da prof. Esp. Elys Regina Lima de Carvalho.

Parnaíba – PI
2010

FICHA CATALOGRÁFICA
ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA CÁTIA REGINA FURTADO DA COSTA – CRB3 1109

C814c

Cornélio, Yonária Oliveira,

A cidade e a cidade: o bairro Piauí a partir de 1980. / Yonária
Oliveira Cornélio – Parnaíba - PI.

50f. il. anexo

Monografia (Licenciatura Plena em História) - Universidade
Estadual do Piauí, Parnaíba – PI, 2010.

Orientação: Prof. Esp. Elys Regina Lima de Carvalho.

1. História – Brasil. 2. História - Piauí. 3. Parnaíba - Bairro Piauí
– dec. 1980. I. Título.

CDD – 981.228

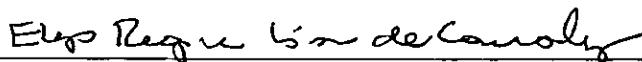
YONÁRIA OLIVEIRA CORNÉLIO

A CIDADE E A CIDADE: o bairro Piauí a partir de 1980.

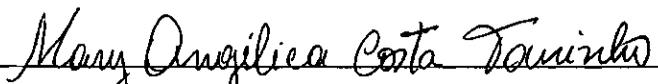
Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, à banca examinadora da Universidade Estadual do Piauí.

Aprovada em: 09/ 07/ 2010

Banca Examinadora



Prof. Esp. Elys Regina Lima de Carvalho



Prof. M.s. Mary Angélica Costa Tourinho



Prof. Esp. Ivanilda de Sousa Sá

Dedico a todos que, de maneira direta ou indireta, me auxiliaram a compor esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pelo dom da vida e à minha Família pelo apoio e incentivo em todos os momentos da minha trajetória neste curso.

À minha orientadora, Elys Regina Lima de Carvalho, pela paciência, disponibilidade e compromisso no decorrer de todas as fases deste trabalho.

À todos os professores, que através das discussões e leituras sugeridas durante as aulas, despertaram meu interesse em pesquisar sobre cidade.

À todos os atores envolvidos na pesquisa, e em especial, ao presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba, Reginaldo Júnior.

E à minha super amiga, Lílian Maria Pereira Cardoso, que no momento da análise e seleção das fontes, foi de inexplicável sensibilidade para perceber comigo o que era mais relevante.

As cidades são antes de tudo uma experiência visual.

Maria Stella M. Brescianni

RESUMO

Este estudo reflete sobre uma cidade dentro da cidade- o bairro Piauí de Parnaíba-, em termos de sua constituição enquanto categoria histórica. O foco do trabalho é centrado, principalmente, na década de 1980 e procurou entender os eventos constitutivos do objeto em estudo, a partir de análises a respeito dos discursos em torno do desenvolvimento deste bairro, enquanto espaço de materialidade, sociabilidade e sensibilidade. Colocou-se, em evidência os episódios ocorridos no período, nos âmbitos político e social, buscando-se operar uma desconstrução dos discursos que estereotipavam o bairro Piauí, fazendo ligação entre fontes escritas e orais e contrapondo-as, na intenção de compreender a história deste bairro por meio das transformações ocorridas em Parnaíba na década de 1980.

PALAVRAS-CHAVE: História; Cidade; Bairro Piauí.

ABSTRACT

This study reflects on a city within a city, the Piauí neighborhood of Parnaíba in terms of its constitution as a historical category. The focus of the work is focused largely in the 1980s and sought to understand the events that constitute the object under study, from analysis on the discourses surrounding the development of this neighborhood as an area of materiality, sensitivity and sociability. Put in evidence the episodes occurred during the period, in the political and social, seeking to operate a deconstruction of the discourses that stereotyped the Piauí neighborhood, making connection between written and oral sources and contrasting them, intending to understand the history of this neighborhood through the transformations occurring in Parnaíba in the 1980s.

KEYWORDS: History; City, Piauí Neighborhood.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 PARNAÍBA: MÚLTIPLOS MODOS DE VER E SENTIR	12
3 BAIRRO PIAUÍ: ENTRE DISPUTAS POLÍTICAS E DISCURSOS INTRIGANTES	23
4 HISTÓRIA E LITERATURA: O BAIRRO PIAUÍ VISUALIZADO A PARTIR DE “O <i>CORTIÇO</i> ”	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
BIBLIOGRAFIA E FONTES	46
ANEXOS	50

1 INTRODUÇÃO

A escolha de um objeto de pesquisa é algo que, primeiramente, deve despertar a curiosidade no historiador. Neste trabalho, as indagações surgiram, primeiramente, pelo fato da autora desta pesquisa ser moradora do bairro Piauí de Parnaíba há vinte e seis anos e, portanto, pertencente ao espaço em estudo, daí a escolha por este bairro especificamente e não por outro. A construção do objeto de pesquisa partiu da constatação da carência de análises em torno dos bairros na cidade de Parnaíba e do pressuposto de que existiam alguns pontos sobre a história do bairro Piauí que precisavam ser revistos e discutidos. Entre estes pontos está o referente à maneira como foram legalizados os terrenos desse bairro, tema conhecido por seus moradores, porém confuso, pois esse fato não ocorreu de forma suave e amena, como o discurso político, no início da década de 1980, buscou propagar. Outro ponto discutido neste estudo foi as condições de vida da população do bairro e o modo como os demais moradores de Parnaíba vêem as pessoas que moram no bairro Piauí.

O recorte temporal do trabalho é a década de 1980, embora se faça recuos à década de 1970 e avanços a 1990. O espaço em que se desenvolveu o estudo é o bairro Piauí na cidade de Parnaíba, porém, não todo o bairro em sua extensão territorial, mas somente a área que compreende a Avenida doutor João Silva Filho à Rua Guaporé e as imediações do Hospital Colônia do Carpina, o reforço tem somente a pretensão de marcar o lugar como elemento importante na construção deste trabalho.

Em relação ao objeto é necessário defini-lo quanto ao tema. A distribuição das terras deste bairro tem muita relevância, mas é o conjunto: cidade enquanto imã, crescimento urbano e o desenvolvimento do bairro Piauí que constitui a preocupação central.

A metodologia utilizada para compor este trabalho lançou mão de fontes orais, a partir da memória dos atores que participaram da trama em questão. Os integrantes desta pesquisa são moradores do bairro e filhos de ex-funcionários do Hospital Colônia do Carpina, que através de entrevistas gravadas contribuíram com seus depoimentos para o desenrolar do estudo. Estes depoimentos foram autorizados mediante a assinatura dos depoentes em declarações, que tinham o objetivo de permitir a utilização dos seus nomes completos no texto da pesquisa.

Foram analisados alguns documentos que tiveram a função de dar voz aos silenciados. As fontes privilegiadas foram as hemerográficas, encontradas no acervo do IHGGP (Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba), artigos científicos e os documentos oficiais, pertencentes ao arquivo da Prefeitura Municipal de Parnaíba, como as

leis publicadas no Diário Oficial do Estado do Piauí, as cartas de posse e ocupação entregues aos moradores do bairro, no ano de 1982 e as cartas de aforamento, para assim promover um confronto e um maior entendimento sobre as relações sociais, políticas e econômicas existentes no período em estudo e perceber os diversos olhares lançados ao bairro Piauí e discuti-los no decorrer dos capítulos.

Chauí (1987, p.30) fala que “toda a história é escolha”, porém o historiador precisa partir de um questionamento que o permita “possibilidades cada vez maiores de abordagens [...] dependendo da pergunta dirigida ao passado para recuperar as cidades de um outro tempo [...]” (PESAVENTO, 2007, p.16). Foi com essa preocupação que se formulou a questão central deste trabalho: Como o bairro Piauí chegou a ser o que é hoje, dentro da cidade de Parnaíba, a partir da década de 1980? Em decorrência desta, surgiram outras: De que maneira se desenvolveram as disputas em torno das terras do bairro Piauí? Qual a visão dos moradores de outros bairros de Parnaíba em relação ao bairro Piauí atualmente?

O conteúdo da pesquisa foi distribuído em três capítulos. O primeiro intitulado: Parnaíba: múltiplos modos de ver e sentir- trata de uma discussão teórica em torno de conceitos sobre cidade, encarando Parnaíba como pertencente em todos os conceitos apresentados, no entanto, à medida que o trabalho segue, uma abordagem se sobressai, escolhida pela autora para mostrar o modo como esta vê e sente sua própria cidade. Dentro deste trabalho a cidade de Parnaíba e o bairro Piauí são materialidade, sociabilidade e sensibilidade.

O segundo capítulo- bairro Piauí: entre disputas políticas e discursos intrigantes - trabalha primeiramente as formas e razões pelas quais as primeiras pessoas foram para a região onde hoje é o bairro Piauí. Faz, em seguida, uma discussão sobre as disputas políticas acerca de quem teria o direito de legitimar as terras do bairro Piauí. De um lado estava o governo do estado do Piauí, representado pelo governador Lucídio Portela Nunes, e do outro o prefeito municipal de Parnaíba, João Batista Ferreira da Silva. Os poderes em questão estavam tentando por meio de promessas, referentes a entrega de cartas de aforamento à população daquela área, conseguir votos para as eleições de 1982. Neste capítulo tem-se também a percepção das intervenções públicas, no sentido de embelezar Parnaíba para torná-la uma cidade atraente a visitantes de outras cidades.

O último capítulo- História e Literatura: o bairro Piauí visualizado a partir de “o cortiço”- dedica-se ao estudo deste bairro enquanto uma cidade dentro da cidade: caracterizada pela pobreza, pelos sofrimentos, privações e preconceitos. Aqui há uma discussão acerca da relação entre História e Literatura considerando as análises da feitas pela

História Cultural, para compreender esses aspectos do bairro Piauí a partir da obra literária *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. São também apresentadas as mudanças sofridas por este lugar já no início da década de 1990. E por fim, trata das impressões atuais, de moradores de outros bairros da cidade, sobre esta nova cidade dentro de Parnaíba.

2 PARNAÍBA: MÚLTIPLOS MODOS DE VER E SENTIR

Todos os significados aqui discutidos dizem um pouco sobre o que vem a ser cidade. A ideia de pertencimento, sentimentos relacionados a vivências nesses lugares (conceito que será discutido mais adiante), demonstram a relevância da cidade para muitas vidas, que embora não habitem mais suas ruas, bairros, locais de convívio que caracterizam momentos marcantes e intimamente ligados às suas histórias, sempre estarão nas lembranças das pessoas.

Onde quer que estejam, tais lembranças sempre atribuíram à cidade das brincadeiras de infância um significado que lhes é familiar. Os conceitos debatidos aqui serão feitos através de leituras sobre a própria cidade, memória, espaço urbano, lugar, bairro, no qual vários autores entrarão em cena no diálogo travado a partir de agora.

A cidade, segundo Ana Fani Carlos “pode ser vista como expressão e significação da vida humana, podendo a história da cidade ser revelada como obra e produto de um processo histórico cumulativo.” (2004, p.19). Mas, a cidade pode ser pensada como um conjunto de representações construídas cotidianamente. Ou como propõe Pesavento (2007, p. 13 e14),

[...] é, sobretudo, uma *materiqlidade* erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza [...] é também *sociabilidade* ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos.[...] Mas a cidade é, ainda, *sensibilidade* [...]. Cidades pressupõem a construção de um *ethos*, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de urbano.

A cidade de Parnaíba, cenário dessa pesquisa, assim como qualquer outra cidade, não é composta apenas por seus monumentos ou personalidades célebres. As pessoas que vivem na cidade de Parnaíba, que a respiram e atuam em seus bastidores são os maiores responsáveis por sua constante construção e reconstrução. Além de suas paisagens naturais e arquitetônicas, Parnaíba possui indivíduos que trabalham e a cada dia buscam a sua sobrevivência. São personagens que a respiram e a sentem a todo instante, impulsionando com isso o seu movimento cotidiano.

No trabalho de Raquel Rolnik (1998) sobre este tema: “O que é cidade” observa-se as sinuosidades que dão forma às cidades e que a fazem atraente para as pessoas. Segundo ela, a cidade é um ímã que reúne e concentra os homens, é também uma forma de escrita, onde, ao ser habitada, ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que fixa uma

Partindo na Cidade do Presente, no entanto compreender as relações
que se traçam no passado.

13

memória que não acaba com a morte e não se esgota, porque os textos escritos pela cidade fixam a memória através de sua arquitetura, que deve ser lida e decifrada assim como um texto. A cidade se dá a ver, pela materialidade de sua ^{Rub} arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente.

Assim, a cidade se propõe como uma leitura no tempo em uma ambivalência de dimensões que se cruzam. A relação entre História e Memória é de suma relevância para que as imagens e associações que cada indivíduo tem da cidade possam ser reconhecidas, já que estas estão repletas de significados e lembranças que contribuirão para o enriquecimento e elucidação das pesquisas, pois como afirma também Alcides Nascimento:

A cidade é a possibilidade que se tem de
em uma só coisa, a cidade, que buscam traços
de

[...] A discussão sobre essa relação ganhou espaço nos anos de 1990. As experiências individuais [...] voltaram a ser valorizadas, deixando para trás a ideia de que as fontes são apenas os arquivos e as bibliotecas, depositários dos documentos, por excelência, como defendiam os positivistas e neo-positivistas. [...] A influência positivista marcante nas ciências sociais serviu de pilar de sustentação para os historiadores negarem maior atenção para a relação entre história e memória. [...]. (2002, p.128-130).

Dialogando ainda com este autor, cidade e memória têm uma relação muito forte e segundo ele a cidade é um organismo em transformação, que escapa de nosso campo de visão e para capturá-la através da memória, associações com alguma parte da cidade são feitas e se acaba construindo uma cidade de determinado momento. Cada cidadão guarda imagens impregnadas de lembranças e significados que se tornam aspectos relevantes da cidade por inúmeras e particulares razões.

Os aspectos guardados por cada um terminam por ajudar na construção de uma cidade invisível. A cidade de Parnaíba proporciona lembranças que ficam registradas na memória de seus moradores, podendo-se evidenciar essa afirmação nas palavras do médico parnaibano Carlos Araken, quando lembra momentos vividos em Parnaíba, nos tempos de sua juventude:

[...] Agora à distância [...] vejo com clareza que o carrossel da vida gira sempre, e não diminui o ritmo para ninguém. Nós é que, no devido tempo, vamos parando e sendo encostados. Novos personagens estão sempre chegando, trazendo novas idéias, novos costumes. A evolução é uma constante. O que é essencial hoje, pode desaparecer amanhã [...]. É tudo muito fugaz, muito passageiro. Elementar não? O que nós pertence realmente, e que ninguém pode tirar é a nossa vivência, nossa experiência [...]. As fotografias amarelecem, perdem a cor, porém, nossa memória

fica para sempre até com maior nitidez, enquanto vivemos felizmente ou infelizmente [...]. (1988, p.78)

Uma cidade possui memórias que atravessam sua história tornando-se com isso cenário onde o império de suas lembranças consegue conviver com as mais indescritíveis misérias, onde os atores perdem sua autonomia. Conserva seus lugares onde se podem dialogar com o passado das mais variadas formas. Assim, a cidade pode tomar a forma de um imenso labirinto histórico, onde o invisível é mais marcante do que é concreto e tem forma bem definida.

— A arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social, encarregado de contar sua história. Por isso, há uma grande preocupação por parte de historiadores e defensores do patrimônio arquitetônico, com relação às demolições de prédios antigos, devido à possibilidade de esses textos serem apagados da memória coletiva. Pesavento ao escrever sobre isto, elucida que:

[...]essa cidade do passado é sempre pensada através do presente, que se renova continuamente no *tempo do agora*, seja através da memória/evocação, individual ou coletiva, seja através da narrativa histórica pela qual cada geração reconstrói aquele passado. É ainda nessa medida que uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, recolhendo às lendas, descobrindo seus pais ancestrais, elegendo seus heróis fundadores, identificando um patrimônio, catalogando monumentos, atribuindo significados aos lugares e aos personagens, definindo tradições, impondo ritos. Mais do que isso, tal processo imaginário de invenção da cidade e de escrita de sua história é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através das quais a urbe sonha a si mesma. (2007, p.16) ✓

17
16
A cidade de Parnaíba também se preocupa com a preservação de seu patrimônio histórico e arquitetônico, evidenciando que esse acervo material fala e mostra a cidade. Em um artigo publicado no jornal *O Piauí*, Leonardo Rodrigues expressa esse sentimento, quando diz que “Deve-se conscientizar a população sobre a preservação; pois nesse ritmo ficaremos a mercê das elites, que preservarão a memória particular de seu círculo social [...]”. (jan. 2009, p.07) ✓

Sobre memória, Le Goff (2003) nos diz que: “[...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. O conhecimento acerca das cidades é possível de ser (re) construído através da memória. A

memória se direciona assim como um dos caminhos para se conhecer o passado de diferentes grupos que interagem permanentemente com o presente. No limite, não há um tempo presente que não se relacione com um tempo passado e vice-versa. Assim, a memória participa da natureza do imaginário como conjunto das imagens não gratuitas e das relações de imagens que constituem o capital inconsciente e pensado do ser humano.

Jean Duvignaud, em prefácio a clássica obra do sociólogo Maurice Halbwachs (1990) *A memória coletiva*, dizia, dialogando com as ideias do autor, que a memória individual existe, mas que a rememoração pessoal encontra-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. As formulações teóricas de Halbwachs, evidenciadas por Duvignaud, destacam ser a memória um fenômeno essencialmente social, construída por um sujeito dotado de uma memória que interage com outros sujeitos. Daí a célebre expressão de Halbwachs: “memória coletiva”. Alcides Nascimento refletindo acerca da memória coletiva e da obra deste autor evidencia que:

uma referência

Maurice Halbwachs, um dos precursores da discussão sobre a memória, enfatiza diferentes elementos que considera como estruturadores de nossa memória e também presentes na memória coletiva da qual fazemos parte. Entre eles incluem-se os monumentos, chamados por Pierre Nora de “lugares de memória”; Nora elenca esses lugares tais como o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música e por que não, as tradições culinárias. (2002, p.130)

Michael Pollak (1989), ao analisar Halbwachs e em confabulação com suas ideias bastante exploradas acerca da “memória coletiva”, ressalva que este sociólogo não “enxerga” a imposição, violência e dominação simbólica que existe na “memória coletiva”. Ao contrário, diz Pollak, Halbwachs vê coesão e adesão afetiva do grupo. Em contraposição, Pollak retrata que a perspectiva que marca os trabalhos atuais sobre memória acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva e que os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre as memórias concorrentes. Não se pretende discutir aqui a questão da memória coletiva e da memória individual, a preocupação está relacionada com a memória coletiva. Todavia, é difícil pensá-la de forma independente da memória individual. Quem lembra é o indivíduo, mas existe uma espécie de negociação entre as duas memórias numa tentativa de conciliação, quanto a isso Pollak coloca que:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (1989, p.3)

De acordo também com Michael Pollak, a transmissão das memórias clandestinas e inaudíveis permanece intacta até o momento em que elas possam invadir o espaço público e passar do “não dito” à contestação e à reivindicação. O empecilho para a legitimidade de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização, conclui Pollak. Para que os sujeitos excluídos de participar da memória oficial possam promover essa (re)criação, é necessário um intenso trabalho de organização do passado.

No discurso oficial, o passado é justamente o elemento de integração, mas como nos lembra Le Goff (1995), o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha de fragmentos feita pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade e pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa: os historiadores. Estes e outros atores profissionalizados, os mediadores ou “empresários da memória” são responsáveis pelo que Pollak (1989) chama de enquadramento da memória. Cabe assim, aos historiadores da contemporaneidade assumir a (re)construção do passado, como afirma Le Goff, através de novas abordagens, de novas temáticas, e de novos sujeitos.

A cidade pode, contudo, através da memória se montar e desmontar Rolnik diz ainda que a cidade significa além de uma maneira de organizar o território, é também uma relação política e seus habitantes de alguma forma participam da vida pública, mesmo que só obedecendo às regras e regulamentos. Percebe-se isto ao analisar a cidade como um mercado, o próprio espaço urbano é uma mercadoria, cujo preço é estabelecido de acordo com seus atributos físicos e locacionais. Uma reflexão a respeito do espaço urbano que é “fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É a própria sociedade [...] materializada nas formas espaciais” (Corrêa, 2002, p.9), é de suma importância para viabilizar pesquisas que problematizem as cidades e os grupos que ocupam esses locais, que através de práticas culturais passam a produzir uma idéia de pertencimento.

Quanto ao espaço, Michel de Certeau (1994) diz que “[...] o espaço é um cruzamento de móveis[...] Em suma, o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres”. Analisando por uma perspectiva antropológica, Roberto DaMatta (1997) vê o espaço “como o

ar que se respira”. Não se pode ver o ar, mas também não se vê a força que sustenta o espaço, este precisa ser entendido no sentido que se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido. O historiador parnaibano Francisco de Assis Nascimento ao falar de Parnaíba vê o espaço que a compreende com

[...] algo inventado para atender a determinados interesses, sejam eles econômicos, políticos, religiosos[...]. Trata-se de um campo de disputa ideológico e de produção de sociabilidades. No caso parnaibano, houve a soma de alguns fatores que concorreram para definir seu perfil geográfico e identificar sujeitos sociais que atuaram no sentido de promover marcas históricas na cidade. (O BEMBÉM, jan.2008, p.09).

As cidades e os espaços produzidos por elas, proporcionam a quem as vivem diferentes análises, tanto para os indivíduos que habitam esses lugares quanto para quem apenas está de passagem, e segundo Certeau (1994) “ lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência.[...]. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade”.

O lugar induz, neste contexto, a uma ideia de pertencimento, mas também pode ser fragmento, resto, em um tempo de brevidades, responsável por unir passado e presente, em que as lembranças e as reminiscências possuem uma ligação muito íntima com os espaços de memória, pois os monumentos, os lugares, imprimem sensações identitárias que estabelecem esses elos entre o passado e o presente. É no lugar que acontecem os relacionamentos, as manifestações de solidariedade entre os sujeitos, é nele que a cultura aflora, aproximando as pessoas. Para Ana Fani A. Carlos:

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida- apropriada através do corpo- dos sentidos- dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade, lato sensu a menos que seja a pequena vila ou cidade- vivida/ conhecida/ reconhecida em todos os seus cantos (1996, p. 20).

Essas análises sugerem uma ideia de pertencimento, embora não vivendo mais na cidade onde nasceram, os moradores de uma cidade a veem de uma determinada maneira, dando a ela um significado que lhes é familiar, no caso de Parnaíba isso também acontece,

podendo-se verificar este sentimento nos trechos de um poema que trata de um homem que saiu de Parnaíba, mas anseia pelo dia em que retornará, para assim desfrutar das companhias e dos momentos vividos nesta cidade, os fragmentos são do poema “sozinho” de Francisco Ramalho (1977) que retratam essa ideia de pertencimento do autor com relação à sua cidade: “lembro da minha bela Parnaíba, dos meus amigos, das minhas festas, ah se eu pudesse sair daqui, queria voltar para aquela cidade[...] mas um dia ainda volto para ficar[...]”. As pessoas que somente passam por ali atribuem ao lugar características das cidades onde nasceram ou viveram até então. De acordo com Calvino:

A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali, uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente; talvez eu já tenha falado de Irene sob outros nomes; talvez eu só tenha falado de Irene. (1990, p.53)

A sensação de pertencimento perpassa toda a viagem de Marco Polo, onde em cada lugar que passava sentia algo de sua cidade natal- Veneza, algo que parecia com Veneza, que tivesse suas cores, seus aromas, seus monumentos, suas pessoas. É como se em todas as cidades percorridas por ele, um pouco de Veneza estivesse presente nas cidades visitadas. E em uma conversa com o imperador Kublai Khan, Marco Polo evidencia este sentimento explicitado no diálogo a seguir:

_ Fale-me de outra cidade – insistia. (Khan)
[...] _ Sire, já falei de todas as cidades que conheço.
_ Resta uma que você jamais menciona.
Marco Polo abaixou a cabeça.
_ Veneza – disse o Khan.
Marco sorriu.
_ E de que outra cidade imagina que eu estava falando?
O imperador não se afetou.
_ No entanto você nunca citou seu nome.
E Polo:
Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza.
_ Quando pergunto das outras cidades, quero que você me fale a respeito delas. E de Veneza quando pergunto a respeito de Veneza.
_ Para distinguir as qualidades das outras cidades, devo partir de uma primeira que permanece implícita. No meu caso, trata-se de Veneza. (CALVINO, 1990, p.82)

Calvino nesta obra já alertara para a reflexão de que muitas cidades convivem em uma mesma cidade. No entanto, uma cidade se individualiza com relação às outras, ela

personifica atitudes e modos de existir, dos homens e do meio ambiente, transformando-se no tempo, alterando a superfície de seu espaço, mas, apesar de todas as transformações que sofre, uma cidade deve se encontrar.

É o caso de Parnaíba, quando falada e sentida por seus moradores ou ex-moradores, nota-se as transformações que ocorreram em seus aspectos físicos, porém o que atrai em Parnaíba é algo que remete à infância, são lembranças e memórias que reconhecem esta cidade como parte integrante de muitas vidas que se iniciaram em suas casas e ruas. Pessoas como o bacharel em direito, Rafael Galeno, nascido em Parnaíba mostra esse sentimento na seguinte poesia intitulada “véspera”:

Esta cidade, submersa na rotina
De seus dias, sem causa
Traz as memórias de minha infância em sua carne.
Memórias miúdas, passadas em lugares
que já nem sei bem haverem
como eu os imagino nesta cidade de hoje.
Se os passeios da mesma forma se foram,
Esta verdade não me interessa mais.
O que eu ainda revisito,
Como o rio insone e a praça da igreja,
Levam meus olhos para outro tempo:
Seguem estreito pela margem das gentes
Até onde, o homem sendo feito,
Torna à boca uma sensação
um pouco amarga.
(O PIAGÚI, mar. 2008, p.04)

A história de uma cidade não revela apenas as aventuras nela vividas, mas também guarda uma universalidade marcante, tem um pouco da história de outras cidades, não importando a sua localização, nem tampouco a forma da sua arquitetura. A forma de uma cidade, seus prédios e movimentos contam uma história não verbal do que vivenciou um dia, mas, por mais que este patrimônio tenha sido preservado em alguns de seus aspectos, os espaços e sociabilidades se alteraram inexoravelmente, no que se refere principalmente, aos locais chamados bairros.

As diversas áreas residenciais presentes em uma cidade assumem uma dimensão simbólica, variável segundo os grupos que fazem parte dessas áreas. Os bairros são os locais de reprodução dos mais diversos grupos sociais, o que envolve, dentro de uma sociedade, classes, crenças e valores ligados a cada realidade de uma mesma cidade. São, contudo “[...] formados por aglomerações que tem seu próprio comércio, sua própria área de lazer, igrejas, escolas e que são quase independentes do restante da cidade”. (LIMA, 1997, p.50).

Em Parnaíba, os novos bairros foram surgindo à medida que a cidade se modernizava. Até fins do século XVIII, compreendia apenas o que é hoje conhecido como o centro da cidade. Os estilos das atuais ruas e bairros só foram projetados a partir da primeira metade do século XX, através das medidas modernizadoras empreendidas pelos governos, por conta do acentuado crescimento demográfico pelo qual Parnaíba estava passando com o êxodo rural de populações que buscavam melhores condições de vida.

Este fato impulsionou a instalação desse novo contingente populacional em direção à zona leste da cidade, sendo a partir de então região considerada como a periferia, o subúrbio, devido à pequena infra-estrutura desses novos locais de habitação. Ratificando o mencionado anteriormente, a expansão da cidade se fez do centro em direção à zona leste, como afirma Ribeiro:

[...] Para ilustrar esse fato citamos que quando os padres capuchinhos iniciaram a campanha para as obras da elevação da Igreja de São Sebastião, esta era tratada como “Igrejinha do fim do mundo”, lá pelos idos de 1940, por ficar afastada do centro. Pela quantidade de macacos que reunia em suas matas, Macacal ficou conhecido, por muito tempo o atual bairro de Fátima. As palmeiras dos tucuns serviram para denominar o atual bairro São José. O tipo de vegetação da região alta da cidade serviu para batizar de caatinga de cima o atual bairro Nova Parnaíba. [...] No final da década de 1970, foram abertas as cercas que delimitavam o terreno da Colônia Carpina, que abrangia desde a atual Rua Borges Machado até a Rua Santana, liberando a ocupação do Bairro Piauí. (2003, p.109).

A cidade como um imenso aglomerado de gente tão complexas entre si que trabalham, divertem-se, criam espaços de sociabilidade, relacionam-se de diversas maneiras em meio às tensões reveladas dentro dos espaços independentes conhecidos, como bairros, trazem um conjunto de práticas sociais, culturais, econômicas, religiosas que proporcionam um sentimento cada vez mais forte de pertencimento a esses lugares. Como mostra Mayol

ora o bairro é quase, por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano, no qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se, portanto, apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço. A fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco, do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento- de identificação- que se estabelecem graças à proximidade, graças à coexistência concreta em um mesmo território urbano. Todos esses elementos “práticos” se nos oferecem como imensos campos de exploração em volta de compreender um pouco melhor esta grande desconhecida, que é a vida cotidiana. (2003, p.37.)

Pierre Mayol, na primeira parte do livro: *A Invenção do cotidiano- 2: Morar e Cozinhar*, fala da prática de morar na cidade, como também das práticas culturais existentes dentro do bairro. Para o desenvolvimento deste estudo, o autor leva em consideração duas problemáticas: *a sociologia urbana do bairro* e a *análise sócio-etnográfica da vida cotidiana*. Para ele, estas duas perspectivas são antagônicas e podem levar a dois discursos indefinidos, sendo esses discursos o da *lamentação*, por não haver um método de fazer espaços ideais para que os usuários estejam inseridos plenamente no ambiente urbano; e o do *barulho*, este discurso é em si indefinido e complexo, impossibilitando assim encontrar as estruturas que o organizam.

Mayol diz que os elementos que constituem o bairro, visam compreender melhor a vida cotidiana. A articulação da vida cotidiana, nesse sentido, se organiza a partir de dois registros: o dos *comportamentos*, que ocorrem no espaço da rua e são perceptíveis pelas ações das pessoas; e o registro dos *benefícios simbólicos que se espera obter* com os comportamentos. Esses benefícios deixam marcas indelévels para os usuários. Os registros comentados, fazem do bairro o lugar onde se manifesta uma arte de conviver com outros para a viabilidade da vida cotidiana, tornando cada pessoa parceira, no desejo de sentir-se inserida no ambiente.

Diante dessas considerações a respeito de cidades, este trabalho verificou mais de perto a história do bairro Piauí, na cidade de Parnaíba, em algumas de suas permanências e rupturas, no que diz respeito ao espaço urbano, que dentro desta cidade, a partir da década de 1970, passou a ser considerado um espaço novo, tornando-se dessa maneira um local de produção de atividades cotidianas de diversos atores sociais, que contribuem para uma percepção significativa desses espaços inexplorados em muitos de seus aspectos, porém ricos e repletos de representações que se fazem presentes no movimento diário de seus moradores e frequentadores.

O trabalho foi desenvolvido a partir de uma concepção que busca captar e investigar, nas relações sociais instituídas na cidade, o entendimento nos modos de viver, de morar, de lutar, de trabalhar dos moradores do bairro Piauí que, com suas ações, estão impregnando e constituindo a cultura urbana. Assim agindo, esses moradores deixam registrados ou vão imprimindo suas marcas no decorrer do tempo histórico. Marcas que traduzem a maneira como se relacionam ou construíram seus modos de vida neste cotidiano urbano.

Tudo isto enfatiza a ideia de que a cidade é uma construção dos homens e, portanto, nunca pode ser apenas estritamente racional. Ela é memória organizada e construção

convencional, natureza e cultura, público e privado, passado e futuro. A mudança é característica das cidades, mas estas mudanças têm história, personagens e uma trama de desejos individuais e de projetos. Essas características serão o foco primordial das discussões que darão corpo ao próximo capítulo.

3 BAIRRO PLAUI: ENTRE DISPUTAS POLÍTICAS E DISCURSOS INTRIGANTES

Andar por ruas, reconhecer pessoas e cumprimentá-las, diz muito sobre as ideias de pertencimento em relação ao espaço ocupado. O lugar das brincadeiras de infância, do percurso entre a casa e a escola ou o trabalho, do encontro inesperado com um amigo, que não se vê há algum tempo e que foi importante em um momento de nossas vidas, fazem parte da ligação entre o morador e o bairro onde vive. Perceber as mudanças ocorridas e sentir-se protagonista dessas transformações insere de maneira bastante profunda a história das pessoas à história do local onde essas rupturas aconteceram.

Algumas questões produziram a inquietação que resultou no desenvolvimento deste capítulo. Uma delas, a considerada mais relevante é a que se refere aos fatores que interferem para a conscientização dos padrões que homogeneizam e desvalorizam os espaços de sociabilidade, denominados bairros, dentro das cidades. Nesse sentido Ana Fani Carlos (2008, p.20) diz que “[...] O mundo urbano não é homogêneo; há uma multiplicidade de atos, modos de vida, de relações”, espaços invisíveis para a maioria dos habitantes que os conhecem apenas pelos discursos legitimadores dos espaços visíveis, expressos em grande escala pela proposta urbanista.

As áreas periféricas compreendem as habitações de menor qualidade estética, distante das áreas de alto valor imobiliário. De acordo com Ana Fani Carlos:

É evidente que os bairros se diferenciam também pelo movimento de frequência nas ruas. Nos chamados bairros nobres, onde reside a população de alta renda, as ruas são vazias. Nos bairros populares – com população de baixo poder aquisitivo – a rua é quase uma extensão da casa.

O uso diferenciado da cidade demonstra que esse espaço se constrói e se reproduz de forma desigual e contraditória [...]. (2008. p.22-23).

Um desses lugares, dentro da cidade de Parnaíba, é o bairro Piauí, que é considerado um bairro popular por abrigar em sua grande parte a população de baixa renda, aspecto observado por Raquel Rolnik quando afirma que:

[...] É como se a cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais [...]. É como se a cidade fosse demarcada por cercas, fronteiras imaginárias, que definem o lugar de cada coisa e de cada um dos moradores. (1998, p.40-41).

Esta população se estabeleceu na região, por meio de invasões, em meados da década de 1970. Sandra Barros, em um artigo publicado sobre o bairro Piauí intitulado: “História e Memória da Urbanização do bairro Piauí”, nos diz que:

Pelos depoimentos de moradores, detivemos uma idéia geral de como vivia a população invasora: em condições precárias de infra-estrutura, casas de taipa, palha, sem iluminação e água encanada. [...] As famílias eram numerosas, muitos filhos, sem escolaridade - compostas na sua maioria por artesãos, pescadores, quitandeiros, donas de casa, empregadas domésticas, donos de oficinas de bicicleta, carroceiros, feirantes, babás, lavadeiras, costureiras, pedreiros e lavradores. (BARROS, 2005, p.103).

O bairro Piauí é relativamente novo, abrangendo atualmente a área que se estende da Rua Guaporé à Rua Santana, fazendo divisa com a Avenida Pinheiro Machado. Porém só será discutido aqui o espaço pertencente à Rua Guaporé, Avenida Dr. João Silva Filho e imediações do Hospital Colônia do Carpina. O bairro teve suas primeiras habitações construídas na segunda metade da década de 1970, mas passou por muitas transformações em vários de seus aspectos. Sobre as transformações sofridas pelas cidades Ana Fani Carlos (2008, p.36) elucida que “[...] A cidade diferencia-se por bairros, alguns em extremo processo de mudança”.

O bairro Piauí pode ser considerado um exemplo disso, onde ruas que no início de sua ocupação eram de difícil acesso, uma vez que não eram calçadas, foram pavimentadas, o que possibilitou o tráfego de transportes coletivos como o ônibus. O comércio também teve uma considerável ampliação, facilitando a vida das pessoas que ali habitavam, não precisando mais se deslocar para o centro da cidade para fazerem compras de produtos que suprissem suas necessidades básicas.

A investigação se desenvolveu inicialmente no próprio bairro, principalmente nos lugares onde habitam as pessoas de poder aquisitivo mais baixo. A atual situação do bairro Piauí é caracterizada pelas precárias condições de infraestrutura e pavimentação de muitas de suas ruas, que reclamam reformas. Estas, quando realizadas, não suprem as necessidades da população, pois são obras que apenas solucionam o problema temporariamente e em poucos anos estão deterioradas, devido serem feitas basicamente em período eleitoral, o que denota uma preocupação meio duvidosa por parte do poder público com as reais necessidades da população. Nota-se, contudo que todas as mudanças na infraestrutura do bairro foram insuficientes para uma grande parcela dos seus moradores.

O povoamento do bairro Piauí começou na área pertencente ao Hospital Colônia do Carpina que abrigava as pessoas acometidas pela hanseníase. Estas terras eram vistas com acentuado preconceito por parte da população parnaibana que temia o contágio e como medida de prevenção essa área da cidade mantinha-se isolada dos seus demais bairros. Ao acompanhar o desenvolvimento do bairro Piauí, o filho do administrador da Colônia nas décadas de 1970 a 1990, Antônio Calixto¹, relatou que:

A Colônia do Carpina, ela foi criada pra ser não um setor de tratamento, mas um setor de isolamento dos hansenianos da época, né?... idos de mil novecentos e quarenta e cinco, quarenta e seis, depois de quarenta e cinco, depois da guerra [...] então pra isolar a colônia do carpina, ela foi feita bem afastada do centro de Parnaíba. Parnaíba só ia até onde hoje em dia é o bairro de Fátima, que era chamado macacal, pra cima não tinha mais nada e o lugar mais distante que tinha do centro de Parnaíba [...] era a Guarita [...] A área da colônia, ela se estendia da Pinheiro Machado, onde hoje é a Pinheiro Machado, eh... São Sebastião, até [...] a Br 222 que vai pro Ceará, tudo ali era área da colônia [...] que era pra ninguém entrar e ela ficava no meio [...] os doentes eram separados por um muro, tinha um muro de Berlim na colônia, ninguém passava de um lado pro outro, salvo os enfermeiros, os médicos e o pessoal que trabalhava na colônia e por conta disso, quem trabalhava na colônia era mal visto, acabava tendo assim uma, uma rejeição por parte da sociedade [...] (VIEIRA, 2010).

Com relação a este fato, Sandra Maria Portela Medeiros², filha de um dos funcionários mais antigos da Colônia, em entrevista concedida conta que:

[...] todo mundo andava por umas estradinhas bem pequenininhas, porque não tinha como andar por dentro do mato, era uma coisa incrível, mato puro, é tanto que ninguém nem queria vim pra cá porque achava que se encostasse na Colônia era leproso, a discriminação era muito grande. Ninguém queria morar pra cá, depois foi que o pessoal descobriu que a doença não era assim tão contagiosa, aí passaram a fazer casa e surgiu o bairro Piauí. (MEDEIROS, 2010)

As primeiras pessoas a se interessarem em fazer casas nos terrenos pertencentes ao hospital foram os moradores vítimas das enchentes do rio Igaracu que na época das chuvas tinham suas casas invadidas pela água desse rio e sem ter onde morar abrigava-se em escolas

¹ Antônio Calixto Silva da Rocha Vieira é filho do antigo administrador do Hospital Colônia do Carpina, atualmente tem 43 anos e morou no hospital durante toda infância e adolescência.

² Sandra Maria Portela Medeiros é filha de Raimundo Portela Medeiros, funcionário nas décadas de 1970 a 1990 e encarregado de lotear as terras do hospital para as pessoas vítimas das enchentes, atualmente é também funcionária da Colônia juntamente com sua irmã Sônia Maria Portela.

cedidas pela prefeitura para esse fim. Na década de 1970, muitos deles dirigiram-se até o hospital e pediram autorização ao diretor e médico Mariano Lucas de Sousa para construírem abrigos provisórios. Eles afirmavam que ao término do período chuvoso, após as águas baixarem retornariam às suas antigas casas, o que acabou não ocorrendo

Na época da enchente,[...] setenta e dois, setenta e três. Quando o doutor Mariano era diretor aqui do hospital. Quando houve a enchente, tinha muita gente desabrigado³, aí vieram falar e tinha muita terra devoluta aqui e vieram falar com ele pra morar. Vieram falar com ele pra lotear e distribuir pro pessoal desabrigado, aí o papai foi, loteou e distribuiu os lotes pra cada pessoa. Só que na época muita gente que morou um tempo, aí viram que as terras eram boas [...]. Ficaram na condição de quando [...] as águas baixar muita gente voltar, mas como muita gente tava acomodado não queria mais voltar, aí ficaram. Não quiseram mais voltar pro bairro onde moravam onde estavam alagados e aí ficaram morando definitivo. (MEDEIROS, 2010).

Diante disso, percebe-se que houve também alguns outros motivos para que as pessoas se interessassem em morar nas terras do hospital. Estes motivos puderam ser observados mediante as informações obtidas pelos relatos dos moradores que se estabeleceram mediante inúmeros fatores. Dentre todos os fatores percebidos, um é ímpar e presente em todos os discursos analisados: a busca pela casa própria ou a busca pela casa própria em um terreno maior, onde pudessem, futuramente edificar uma residência que abrigasse toda a família com um pouco de conforto.

As pessoas que iniciaram as ocupações definitivas vinham de Luís Correia, Buriti dos Lopes, de outras localidades do Estado e de bairros da própria cidade de Parnaíba. Quanto aos motivos das ocupações Antônio Calixto afirma em um trecho de seu depoimento que:

Primeiro foi a terra, que foi dada de graça, primeiro foi a terra, segundo, foi a facilidade de você ter a documentação, certo? Então as primeiras pessoas foram parentes de hansenianos, pessoas do bairro Pindorama. O Mão Santa também pegou o pessoal alagado e mandou dar [...] terrenos pra lá, que era um lugar alto [...] quando ele era deputado, certo? [...] tem que lembrar que o bairro Piauí foi feito enquanto ele deputado, enquanto deputado, depois foi que virou uma zona eleitoral dele, porque todo mundo que queria um terreno ia no Mão Santa [...] (VIEIRA, 2010).

Os moradores que chegavam iam morar em casas de taipa e após anos de trabalho e privações conseguiam melhorar a estrutura física da residência, é o caso de dona Maria

³ Todas as palavras transcritas nas entrevistas estão de acordo com as falas dos depoentes.

Alzenira Cardoso, moradora do bairro desde 1978, que em sua entrevista revela como foi sua mudança para o novo bairro:

[...] Foi no finalzim de setenta e oito. [...] tá com uns trinta e dois anos [...] que eu cheguei aqui [...] Eu morava aqui na travessa Timbira, Pindorama, bairro Pindorama [...] agente tinha uma casa lá e nós troquemo a nossa casa de lá com essa daqui. Agora não era desse jeito aqui, era uma casinha de palha, as paredes eram de taipa, aí agente foi construindo de pouco a pouco até chegar no ponto em que está hoje [...] meus cinco filhos, meu marido e eu [...] (CARDOSO, 2010).

As invasões começaram a chamar a atenção do poder público, que observando o grande número de pessoas a ocupar essa parte da cidade, iniciaram ações na tentativa de legalizar a situação dessa população. A iniciativa partiu primeiramente do poder estadual, onde na década de 1980, começou uma distribuição de cartas de posse aos moradores do local. O governador do Estado do Piauí nesse período era Lucídio Portela Nunes (1979-1983), e no ano de 1982 mais precisamente, lançou como candidato à prefeitura de Parnaíba o deputado estadual Francisco de Assis Moraes Sousa, conhecido como Mão Santa.

Este utilizando da parceria estabelecida com o governo do estado, incentivou de maneira mais acentuada as invasões. Na ânsia de conseguir convencer as pessoas de que obteriam as documentações dos terrenos ocupados, fazia promessas nesse sentido, para quando fosse eleito e buscava com os discursos de campanha o apoio dessas pessoas e, por conseguinte, seus votos. As palavras de Sandra Portela demonstram, sua visão de, como se deu esse momento da campanha de Mão Santa:

[...] quando o Mão Santa foi candidato, pra ele se eleger ele começou a distribuir carta [...] o bairro tava muito grande e ele vinha fazer muita campanha aqui, aí ele prometeu que se ele fosse eleito ia distribuir as cartas pro pessoal [...] (MEDEIROS, 2010).

O fato de tomar frente a essas distribuições desagradou e muito o poder municipal, que vendo as atitudes do governador e de seu candidato a prefeito, tratou de, através de matérias publicadas no jornal local, desvalidar essas ações, consideradas pelo prefeito municipal, João Batista Ferreira da Silva (1977- 1982), como eleitoreiras. As disputas políticas não ocorrem sem conflitos, principalmente quando se tratam de terras e de um grande contingente populacional, que proporcionará votos para uma das partes envolvidas. Quanto a esse fator Ana Fani Carlos diz o seguinte:

[...] A sociedade produz o espaço a partir da contradição entre um processo de produção socializado e sua apropriação privada. Portanto, o espaço se reproduz, reproduzindo conflitos [...] O uso do solo não se dará sem conflitos, na medida em que são contraditórios os interesses do capital e da sociedade como um todo. Enquanto o primeiro tem por objetivo sua reprodução através do processo de valorização, a sociedade anseia por condições melhores de reprodução da vida em sua dimensão plena. (2008, p. 34 e 41).

A prefeitura municipal alega nos artigos publicados no jornal *Folha do Litoral*, mantido por essa, que eram inválidas as promessas feitas pelo governo estadual. Este afirmava legalizar a situação dos moradores do bairro Piauí, mas somente quando elegeisse o seu candidato a prefeito de Parnaíba, Mão Santa. Em contrapartida, o poder local personificado na figura de João Batista da Silva anuncia que essa legalização será feita por ele e não pelo governo do estado, no entanto o mesmo não define a data para realizar o compromisso. Isso veio a ser revelado pelo jornal citado:

Apesar da agitação que campeou durante muito tempo, orientada por políticos sem mensagem, no chamado bairro Piauí, que prometiam o impossível sem a mínima condição de cumprir o que acenavam aos humildes moradores daquela área da cidade, aquela pobre gente tomou consciência da verdade, e passou a reinar a paz naquele local da cidade.

Representantes da oligarquia em nossa terra, prometeram aquelas terras aos moradores e ainda disseram que dariam água e luz de graça, quando de uma "cajadada" só, a promessa fica desmoralizada, bastando que se pergunte, por que não dão agora que estão no governo?!...

A Prefeitura Municipal de Parnaíba, a frente de cujo movimento está o prefeito João Batista da Silva, está mandando fazer o levantamento topográfico daquela área porque se trata de um patrimônio do município e respeitando o direito de ocupação de cada um, vai mandar legalizar as terras, entregando o respectivo título de aforamento com homologação da câmara municipal e sem alardes, acabou de uma vez para sempre com a rebeldia que estava reinando naquele local, onde popularmente o bairro estava recebendo a denominação de "Malvinas". (FOLHA DO LITORAL, 22/09/1982, p.1)

A citação acima faz referência ao modo como o bairro Piauí ficou conhecido na época- Malvinas. As Ilhas Malvinas estavam sendo disputadas por duas nações: Argentina e Inglaterra, em 1982. Por conta das frequentes invasões nas terras pertencentes à Colônia, a população de Parnaíba relacionou a Guerra das Malvinas com o bairro Piauí passando a denominá-lo com o mesmo nome das ilhas. Ao perguntar sobre o porquê do bairro Piauí ter recebido essa denominação, a moradora Luzia Lopes de Menezes diz:

Quando eu vim pra cá, o pessoal lá do bairro São Vicente chamava aqui era as Malvina, aí não tinha água, não tinha luz, não tinha calçamento tudo era areia [...]. Porque era assim um lugar esquisito. [...] uma coisa assim deserta. Porque lá não era assim um campo [...] deserto, quando houve a guerra e matou um bocado de gente e ficou tudo assim deserto. (MENEZES, 2010)

O ano de 1982 foi decisivo para compreender as disputas em torno do bairro Piauí. O governo Estadual e Municipal eram de partidos opostos, o partido do governador era o PDS (Partido Democrático Social), o do prefeito era o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e as intrigas se tornavam cada vez mais tensas à medida que as eleições se aproximavam. Essas tensões acentuaram-se no mês de setembro deste ano, onde o Estado tomou atitudes em relação ao bairro e à legalização das terras, o Município, por sua vez, não o apoiou, devido os interesses políticos que estavam em jogo. A professora Sandra Barros em um trecho de seu artigo sobre o bairro Piauí explicita uma das ações do governador Lucídio Portela em prol das terras em questão:

Uma ação do governo do Estado do Piauí, na gestão de Lucídio Portela Nunes, no ano de 1981, conforme podemos constatar em documento publicado no Diário Oficial do Estado do Piauí, nº 157, desapropriou o terreno localizado na zona rural Carpina e com a legalização da área em favor da população, iniciou-se a entrega, em domicílio, das Cartas de Posse aos moradores dos lotes na data de 09 de outubro de 1982. (BARROS, 2005, p. 102).

O documento acima citado é do dia 17 de agosto de 1981 e legitimou de certa forma a distribuição de Cartas de Posse no ano seguinte. Na distribuição, os moradores receberam um documento atestando apenas a posse e ocupação dos lotes, o que não garantia sua apropriação definitiva. Isso aconteceria somente quando tivessem em mãos as cartas de aforamento que deveriam ser expedidas pela Prefeitura Municipal.

Esta, embora dissesse que iria fazer a entrega das cartas de aforamento não assegurava o momento em que faria as distribuições, afirmando que isso seria feito em breve. É interessante notar que a data a que a citação acima se reporta, 09 de outubro de 1982, é a mesma em que o jornal *Folha do Litoral* publica dois artigos denunciando a iniciativa do governador, afirmando que a documentação cedida à população do bairro era falsa, sendo o Prefeito o único autorizado a fazer essas doações de terra. A primeira matéria, que é de capa, aponta esse fato:

[...] Todo brasileiro conhece, principalmente nós nordestinos a história de Chico Julião. Ele é um camponês que foi vítima da repressão porque na região de Pernambuco ele fomentava a idéia de distribuição de terras, ou seja, ele queria que fossem dadas as terras de quem as possuía, para quem não as tinha. E o governo perseguiu Chico Julião, porque viu naquilo um gesto de subversão.

Algo muito parecido está acontecendo nas “Malvinas” de Parnaíba, mais precisamente no Bairro Piauí, paralelo à av. Melvin Jones. Só que agora os papéis se invertem. São os representantes do governo que querem dividir terras do município aos moradores daquela área.

Várias pessoas lá residente ocupam terrenos municipais e por conseguinte, somente o prefeito municipal tem a autoridade de distribuir títulos de aforamento destes terrenos.

Mas o que ocorre é o seguinte: Andam dizendo que o governador do Estado vai doar títulos de propriedade dos citados terrenos, a quem lá reside o que não passa de uma “jogada” em cima da inocência, da desinformação do povo.

[...] Fica o registro e a certeza: O povo está mais uma vez na alça da mira dos que vivem a jogar com o destino da população pobre. Governo do Estado não tem terrenos para dar. Títulos falsos talvez sejam distribuídos, porém, os verdadeiros somente o prefeito poderá fazê-lo, o que acontecerá em breves dias. O povo pode estar certo disso. (FOLHA DO LITORAL, 09/10/1982, p. 01)

O segundo artigo, presente na mesma edição e ocupando o canto da primeira página, evidencia o modo como as cartas foram distribuídas e revela a indignação do poder municipal em relação a isso:

Os corifeus do PDS de Parnaíba vêm pregando, há alguns dias, que estarão, hoje, nesta cidade, o Chefe do governo do Estado e sua comitiva, com a finalidade de inaugurarem várias “obras” públicas e, especialmente, distribuírem grande quantidade de *cartas de aforamento* aos moradores do Bairro Piauí, conhecido mais vulgarmente, como Malvinas. Nada mais enganadora do que essa divulgação- mera tentativa, no sentido costumeiro de engodar a gente boa desta terra, com vistas a obter o voto dos incautos e menos desavisados [...] O *truque* mão santa é tão imoral e tão falso, que, para sua execução macabra, estão mandando confeccionar numa tipografia de Parnaíba as “cartas de aforamento” que, dizem, serão distribuídas às humildes famílias que moram nas Malvinas ou bairro Piauí. Como se vê, trata-se de mesquinho pedaço de papel, sem qualquer valor jurídico, que apesar de sua desvalia, receberia a assinatura do Governador [...] (FOLHA DO LITORAL, 09/10/1982, p.01).

Enquanto, o poder estadual tentava conseguir votos para o seu candidato através das entregas das já apresentadas cartas, o poder local denunciava esse ato como falso, evidenciando com isso o conflito político-partidário- PDS x MDB- entre os poderes em questão. Outro fator merece ser elucidado neste contexto: o de como estavam ocorrendo as intervenções da Prefeitura na cidade de Parnaíba, essas intervenções eram realizadas no sentido de beneficiar a infraestrutura de bairros da cidade.

Em contrapartida, de acordo com os dados obtidos, verificou-se que nada foi feito pelo bairro Piauí no ano de 1982, afirmação constatada tanto pela análise dos jornais, quanto de livros publicados neste ano, que faziam menção apenas a outros bairros de Parnaíba. É o que se verificou no livro “Cada Rua- Sua História” de Caio Passos, onde logo no sumário vê-se uma lista com nomes de vários bairros da cidade, menos o do bairro Piauí.

Inclusive, até bairros que estavam sendo idealizados, são citados por este livro, é o caso do bairro João XXIII, demonstrando dessa maneira o caráter marginalizado e a invisibilidade, desta área da cidade, por parte das elites, que passou a ser vista somente a partir das disputas sobre quem tinha o direito de distribuir as cartas de aforamento para a população moradora do bairro.

Vários bairros de Parnaíba receberam os benefícios das intervenções municipais, aqueles que eram localizados em lugares mais valorizados pelo poder público local. Quanto às intervenções do Estado nas cidades, o professor Alcides Nascimento em “A cidade sob o fogo” evidencia, na introdução deste livro, a questão das intervenções do Estado na cidade de Teresina e mostra que as intervenções aconteciam apenas em alguns lugares da Capital do Piauí, apresentando, contudo, outra Teresina, inexistente nos discursos oficiais. Ao discutir este assunto o autor diz:

A cidade recebeu tratamento urbano, novas áreas de sociabilidades, além de transportes modernos, sendo tudo isso valorizado no discurso oficial [...] Desse modo, alguns símbolos da modernidade foram sendo incorporados ao cotidiano da cidade e de seus habitantes. Mas existia “outra cidade” menos presente no discurso oficial, onde faltava água tratada e canalizada, luz elétrica e suas ruas não eram calçadas; não tinham recebido traçado “oficial”, com animais domésticos criados à solta [...]. (NASCIMENTO, 2002, p. 19).

Alcides Nascimento fala de duas cidades dentro da cidade de Teresina. Isso pode ser visto também em Parnaíba - existia a Parnaíba visível, aquela dos discursos oficiais e legitimadores e a Parnaíba invisível, na qual o bairro Piauí estava inserido, que não aparecia, mas era habitada e reclamava por infraestrutura, mesmo a mais básica. Raquel Rolnik (1998, p.69 e 71) consegue expressar isso quando fala a respeito dos direitos das pessoas que moram em áreas desprivilegiadas pelo poder público:

[...] o clamor pela intervenção do Estado se formula com a exigência do reconhecimento a este grupo da condição de cidadão e portanto merecedor da infra-

estrutura [...] digna [...] a intervenção do Estado na cidade é, portanto contraditória: sua ação pode favorecer mais ou menos certos segmentos da sociedade urbana- mas nunca definitivamente [...]. (1998, p.69 e 71).

A cidade visível dentro de Parnaíba, recebeu tratamento urbano no sentido de embelezar algumas áreas e, por conseguinte, valorizá-las, em detrimento de outras. Um dos aspectos mais evidenciados pelos jornais da década de 1980 foram as pavimentações de ruas em determinados bairros da cidade e a iluminação de avenidas como a Melvin Jones, atual Av. Pinheiro Machado, que fazia divisa entre o bairro Piauí e os demais bairros.

O bairro de Fátima foi um dos que mais recebeu os benefícios das referidas intervenções, quanto a isso houve uma forte divulgação por parte da imprensa local, que noticiava todas as ações do prefeito no sentido de fazer com que a população fosse informada das obras que estavam sendo realizadas. O meio de comunicação utilizado para este fim foi o jornal *Norte do Piauí*. Neste jornal eram relatados, passo a passo o desenvolvimento das obras de pavimentação e de iluminação pública.

O bairro de Fátima durante o ano de 1981 apareceu bastante nas matérias do *Norte do Piauí*, e que em uma de suas publicações no referido ano, fala sobre esta área de Parnaíba dizendo que:

A prefeitura municipal já está concluindo a pavimentação poliédrica da rua Madeira Brandão e [...] tão logo a municipalidade conclua esta pavimentação no bairro de Fátima, dará partida para a construção de mais calçamento em outras importantes ruas da nossa urbs, tudo isso dentro da programação de melhoramentos do Prefeito Batista Silva que visa urbanizar e humanizar os bairros da cidade. (NORTE DO PIAUÍ, 15/09/1981, p.01).

A Avenida Melvin Jones passou por várias transformações no sentido de incrementar o embelezamento de Parnaíba nesse período. A prefeitura executou obras com o propósito de melhorar o tráfego de veículos e pedestres, calçando esta avenida que até então era revestida com piçarra, no entanto reclamava da falta de verbas para fazer a pavimentação asfáltica. Foi o que ressaltou o jornal *Norte do Piauí*:

A prefeitura municipal, já deu início aos serviços de terraplanagem na Av. Melvin Jones, para conclusão do restante da pavimentação poliédrica na parte que liga à BR 343, que era completada com piçarra.

É pensamento do prefeito Batista Silva, concluir essa obra no menor espaço de tempo possível para melhor facilitar o tráfego de veículos e pedestres naquela via pública.

Por outro lado na Câmara municipal, o vereador Arimatéa Carvalho, teve requerimento aprovado, endereçado ao governador Lucídio Portela Nunes, solicitando que seja incluído no seu plano de governo para execução em Parnaíba, a pavimentação asfáltica da Avenida Melvin Jones, para completar a beleza da iluminação pública ali construída pelo governo do Estado. (NORTE DO PIAUÍ, 27/10/1981, p. 01)

No mesmo ano, 1981, agora sob a responsabilidade do governador, a Av. Melvin Jones recebeu iluminação pública. Os jornais divulgaram em várias edições o desenvolvimento das obras, enfatizando dentre outros aspectos, o tipo de material utilizado na construção. Este era tido como símbolo de modernidade visto apenas em grandes centros. Na edição de 19/20 de setembro do *Norte do Piauí*, foi evidenciado este fato:

A iluminação especial que o governador Lucídio Portela Nunes, está mandando construir na Avenida Melvin Jones já está quase toda concluída e a firma encarregada da obra está trabalhando agora apenas nos serviços de ligação das lâmpadas de Vapor de Sódio que estão sendo empregada nesta iluminação. Toda a iluminação que está sendo feita na Melvin Jones é do tipo especial usada apenas na capital e nos grandes centros do país e que agora graças aos denodados esforços do governador Lucídio Portela, a Parnaíba, como cidade pioneira também terá uma de suas avenidas iluminadas dentro do padrão mais moderno existente para melhor embelezamento da nossa urbs.

Diferentemente do jornal *Folha do Litoral*, o discurso empregado pelo *Norte do Piauí* reporta-se tanto às obras do prefeito quanto às do governador, elogia expressivamente os dois, utiliza termos que suavizam as tensões políticas entre os rivais, demonstrando um cuidado em não se indispor com alguma das partes. Este jornal esforça-se para apresentar as intervenções realizadas como algo jamais visto pela população e que deverá permanecer na memória coletiva da cidade.

Entretanto, a cidade invisível continua à espera de um olhar por parte do poder público, este faz promessas para um breve futuro, indeterminado, e enquanto o futuro não chega, a vida das pessoas continua, juntamente com suas necessidades.

O bairro Piauí presenciou todas as intervenções em Parnaíba na década de 1980. Porém, as suas ruas continuaram sem pavimentação, sem água encanada e sem energia elétrica. A Av. Melvin Jones, seguia toda a extensão do bairro Piauí e recebeu os benefícios modernos que estavam sendo implantados na cidade. O que não significou muito para os

moradores do outro lado desta avenida, pois não participaram desses benefícios, pelo menos na década em questão.

Somente no final de 1980 é que começaram a ocorrer as primeiras obras de melhoramento urbano no bairro Piauí, sendo concretizadas efetivamente na década de 1990, no governo Mão Santa (1989-1992). Os investimentos em infraestrutura realizados nesse período foram decisivos para a lógica de valorização deste lugar. O bairro Piauí, atualmente, é praticamente uma outra cidade dentro de Parnaíba, abrigando o seu maior contingente populacional, que de acordo com o censo de 2002 é de 15.900 pessoas aproximadamente. As discussões feitas nesse capítulo demonstram que os conflitos políticos em torno do bairro deram os primeiros passos para a sua constituição enquanto espaço de significados.

4 HISTÓRIA E LITERATURA: O BAIRRO PIAUÍ VISUALIZADO A PARTIR DE “O CORTIÇO”

Durante muito tempo acreditou-se que apenas documentos oficiais poderiam servir de fonte para o trabalho do historiador, atualmente em função dos questionamentos formulados pelos historiadores, novas fontes surgiram, enquanto parceiras, no sentido de responder à essas perguntas, Pesavento (2008, p. 107-109) ao falar dos novos parceiros da história e de suas áreas de conhecimento diz

[...] Com o advento da História Cultural, novos parceiros surgem, em função das questões formuladas, das temáticas e objetos novos, das também renovadas fontes com as quais o historiador passa a trabalhar [...]
Quando a história se defronta com seus novos parceiros, que vêm da Literatura, da Arte, da Arquitetura e do Urbanismo, da Psicologia e da Psicanálise, o diálogo a ser mantido não estabelece hierarquias ou territórios de propriedade de um campo específico[...]

Ainda concordando com esta autora, as fontes, além das áreas de conhecimento acima citadas podem também partir da oralidade, dos relatos presentes em diários de viagens e das várias vertentes da Arte como a música, o teatro, a pintura, a fotografia e o cinema. Destarte, fazendo uso de um desses parceiros, a Literatura, e desejando contribuir para o debate atualmente travado no campo da História a respeito das interfaces desta com a narrativa literária, este capítulo consistirá num exercício de utilização do texto literário como fonte histórica, no sentido de compreender o bairro Piauí a partir da obra *O Cortiço* (1890), de autoria do escritor maranhense Aluísio de Azevedo.

Os atores descritos por Azevedo estão presentes na história deste bairro de Parnaíba, assim como estavam também na cidade do Rio de Janeiro, que passava por profundas transformações no sentido de modernizá-la. Grande parte da população pobre do Rio de Janeiro do final do século XIX morava em cortiços, que separavam essas pessoas daquelas que habitavam os sobrados de luxo. No bairro Piauí pode-se perceber a presença de atores semelhantes aos do romance, pessoas que viviam de maneira humilde e em condições precárias de habitação.

Com o intuito de legitimar a inserção da referida obra nesta pesquisa será feita uma breve discussão que justifica a utilização da Literatura como fonte para trabalhos em História e a relevância da obra *O Cortiço* para este trabalho.

A consolidação da história como campo do saber científico, na segunda metade do século XIX, teve como um de seus pressupostos a crença na veracidade de suas fontes, em seu valor de prova histórica capaz de permitir ao pesquisador ter acesso ao fato passado tal como ele aconteceu. Conforme Fustel de Coulanges (1984, p. 535-549), “[...] a sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm”.

A partir de 1929, com a criação da revista *Annales d'histoire économique ET sociale* pelos franceses Marc Bloch e Lucien Febvre, verificam-se transformações substanciais no pensamento historiográfico, decorrentes da consolidação de uma nova tradição intelectual de atuação renovadora, cujas contribuições terminaram por deslocar o eixo de preocupação dos historiadores da esfera política para as investigações em história econômica e social.

A ruptura com a concepção do documento-verdade levou os historiadores a se debruçarem sobre tipos variados de vestígios históricos; segundo Jacques Le Goff, a diversificação no uso de fontes históricas decorreu de uma maior problematização do conceito de documento, que ganhou historicidade. Para ele, “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (1984, p.545). Inaugura-se, por fim, uma nova crítica documental fundada no diálogo com as fontes, inquirindo-a conforme os problemas de investigação colocados pelo pesquisador.

É a partir da década de 70 que os historiadores voltam-se para a problemática da relação entre história e narrativa literária, evidenciando a dimensão narrativa do conhecimento histórico. Segundo Antonio Celso Ferreira (1996, p.27), “[...] ele agiria como o romancista, ao imprimir um fio de narração a esses fatos escolhidos e costurados. A história, como o romance, seria assim, trama, intriga, enredo urdido pelo narrador”. Desse modo, o conhecimento histórico e a narrativa literária, fato e ficção, seriam ambos, discursos sobre o passado, ainda que irredutíveis em suas peculiaridades.

Esse movimento da historiografia em direção às questões da cultura e de seus múltiplos suportes e significados pôs abaixo qualquer possibilidade de hierarquização das fontes históricas. É nesse sentido que Sandra Jatahy Pesavento (2002, p.13) dirá que “[...] a literatura não pode ser entendida como uma ‘fonte a mais’, mas justamente como a fonte que pode dar aquele ‘algo mais’ que os documentos comumente usados pela história não fornecem”. Sua ficcionalidade não desvaloriza seu valor de testemunho, pelo contrário, é sua condição mesma de obra literária, autoral, portadora de um discurso sobre o real, que permite

ao historiador formular e responder questões importantes relativas ao passado sobre as quais as fontes tradicionais normalmente silenciam – “a ficção não seria, pois, o avesso do real, mas uma outra forma de captá-lo” (PESAVENTO, 1995, p.17).

O romance em questão, *O Cortiço*, é uma das obras mais populares da literatura brasileira, sendo considerado o grande marco da estética naturalista no país. As análises mais amplamente conhecidas desse texto evidenciam os aspectos deterministas da obra, cujas personagens teriam suas ações na trama sempre motivadas por impulsos animais, influência do clima tórrido tropical e da degeneração produzida na população brasileira pela prática da mestiçagem.

Um olhar mais profundo sobre o romance, entretanto, poderá revelar aspectos renunciados pela crítica que conferem peculiaridade ao romance e permitem ao estudioso apontar algumas questões relativas às experiências populares na Corte carioca em fins do século XIX, tecendo novas redes de relacionamento, construindo novos espaços sociais e conferindo novos sentidos às múltiplas experiências urbanas vivenciadas na cidade. No artigo intitulado *Entre Sobrados e Cortiços* de Ligia Vassallo, publicado na revista de História da Biblioteca Nacional, a obra de Aluísio de Azevedo é apresentada contrapondo as duas cidades existentes no Rio de Janeiro, onde os personagens viviam as contradições urbanas e ali buscavam melhores condições de vida. A autora evidencia isso dizendo:

Na história contada pelo autor brasileiro (Aluísio de Azevedo), um muro separa dois núcleos que estão em permanente conflito. De um lado fica o sobrado da abastada família do comerciante Miranda. Na outra ponta, um agitado cortiço capitaneado pelo vendeiro português João Romão, amante da escrava Bertoleza [...].

O cortiço é o primeiro romance brasileiro em que determinados tipos sociais são representados sem artifícios ou idealizações. Figuras como a do imigrante italiano, a do capoeira e as dos trabalhadores das ruas aparecem em situações bem reais, compatíveis com suas atividades e modos de viver [...] Os bandos de capoeiristas são apresentados com suas práticas e rixas, bem como os vendedores ambulantes, com destaque para o leiteiro, acompanhado de sua vaca, seguida por um bezerro amordaçado. Também são vistos os açougueiros com seus tabuleiros de carne fresca, e outros mais.

Ao mesmo tempo em que se contrapõe os grupos sociais, a narrativa transforma a cidade no abrigo dessas diferenças entre ricos e pobres. [...]. (2009, p. 35).

A vida dos moradores do bairro Piauí não era muito diferente da retratada acima. As pessoas que ali habitavam tinham práticas de sobrevivência semelhantes às evidenciadas em *O Cortiço*, eram pequenos comerciantes, empregadas domésticas, feirantes, soldados, carvoeiros, pescadores, pedreiros, agricultores e aposentados. Viviam em condições precárias de infraestrutura, sem água, energia elétrica e pavimentação nas ruas, entretanto alguns

poucos moradores tinham poços em seus quintais, e compartilhavam com os vizinhos mais próximos, demonstrando assim a solidariedade existente entre as pessoas daquele bairro. As palavras de dona Luzia podem ser consideradas exemplo dessa solidariedade, quando diz:

[...] Essas casa tudim ninguém tinha energia, nem água. Aqui em casa era se fosse um chafariz era a casa mais próxima onde tinha água. Aí todo mundo vinha pedir água. Até que meu pai abriu um portãozinho daquele lado ali pro pessoal entrar e tirar água lá no quintal, que na época a casa era mais recuada, não era assim [...] Ninguém tinha água e agente não ia sovinar, porque você sabe que água é a coisa mais importante da vida da gente [...] Você não tem luz, mas tem água tem alguma coisa boa dentro da casa não é? (MENEZES, 2010)

Os habitantes do cortiço eram ameaçados constantemente por incêndios, pela entrada da polícia e por inimigos vindos de cortiços rivais. No bairro Piauí havia também ameaças que acentuavam ainda mais as péssimas condições de conforto dos moradores, como as enchentes, devido o bairro ter uma extensão territorial muito grande, algumas áreas não tinham terrenos regulares, sendo bastante baixos. Na época das chuvas a água escorria para essas áreas e invadia as casas, formando uma espécie de lagoa, porém, sem ter para onde ir as pessoas submetiam-se a permanecer nas habitações sofrendo riscos entre outros de desabamentos e doenças.

Reginaldo de Sousa (2010), morador do bairro desde 1976, conta sobre os alagamentos, que “Aqui mesmo aonde agente tá aqui[...] tinha uma lagoa que começava daqui da minha porta até a rua Dirceu Arcoverde[...] entrou o prefeito[...] Zé Filho⁴, né? E aí ele[...] alteou o calçamento[...] acabou a água que tinha aqui na rua”. Essas áreas que constantemente eram atingidas pelos alagamentos, demoraram bastante tempo para ser assistidas pelo poder público, onde somente no final da década de 1990, obtiveram melhorias. A moradora Luzia Menezes também sofreu com as chuvas, não no sentido de ter sua casa invadida pela água, pois habitava uma região um pouco mais elevada da Rua Guaporé, mas como sua residência era de taipa coberta com palha, enquanto chovia a água penetrava pelo teto e pelas paredes, em seu depoimento explicita esses momentos:

Ali ficava uma lagoa[...] a água descia toda pra colá, ela vinha até perto do Reginaldo ali. Aí ficava a lagoa d’água[...] ficava fundo ali. Aí quando o Zé Filho foi prefeito ele mandou aterrar aquilo ali, subiu o calçamento [...] Hoje cria, mas é só

⁴ Sobrinho de Mão Santa assumiu a prefeitura de Parnaíba em 1997 cumpriu todo o mandato até o ano de 2000.

no pé das calçadas um pouquim, não é mais como era. Antigamente entrava até nas casas. (MENEZES, 2010).

As diversas áreas da cidade são visualizadas de acordo com sua localização. Cada uma dessas áreas tem um valor estipulado e que delinea os atores que as habitam, estes podem estar dentro da cidade desejada ou não. O preço atribuído ao local é o que estabelece a diferença. Ana Fani Carlos (2008) ao falar do valor das localizações nas cidades diz:

Para se ter acesso a um pedaço de terra é necessário pagar por ele [...] pelo fato de que, na sociedade atual, o uso é produto das formas de apropriação [...] O preço é expressão de seu valor. O valor de uso é sustentáculo conceitual do tratamento geográfico dos problemas de uso do solo [...]
Dentro desse quadro a (re)produção do espaço é também o da reprodução da vida humana. O homem vive onde pode morar e isso será determinado por sua renda e pelos sacrifícios que pode fazer. Como ele pode morar e em que condições vive depende do acesso aos serviços coletivos produzidos. (p. 47-79).

O acesso às terras do bairro Piauí, deu-se primeiramente por meio de invasões e posteriormente por doações, que desencadearam disputas políticas, porém essas doações serviram como forma de adquirir votos. Além desses aspectos houveram outras maneiras de se obter terrenos naquela área, através de trocas entre moradores e pessoas de outros bairros, especulações e vendas por um preço muito baixo. Sandra Barros em seu artigo evidencia uma dessas questões:

[...] obtivemos por meio de informações dos antigos habitantes do bairro, de que pessoas, como o Sr. Antonio Calixto e Chagas Macedo, beneficiaram-se da facilidade para obter lotes e, graças a esse artifício puderam registrar grande extensão de terra em seus nomes, quarteirões inteiros (100 X 100m), já na perspectiva de especulações imobiliárias. (2005, p. 102).

O sr. Antonio Calixto, funcionário do Hospital Colônia do Carpina, citado no capítulo anterior, nesse artigo aparece como um dos protagonistas das especulações imobiliárias envolvendo as terras do bairro Piauí. No decorrer da pesquisa verificou-se que os discursos em torno dessa afirmação são divergentes, enquanto algumas pessoas confirmam, outras dizem não ter conhecimento do fato. Dona Sandra Portela, é um exemplo dos que afirmam essa versão e ao ser indagada a esse respeito fala que:

Foi administrador daqui (*colônia*) [...] ele era responsável [...] pela compra de comida [...]. Muita gente que [...] ganhou os lotes ele comprava e vendia por um preço mais alto [...] muita gente diz que ele [...] se apropriou de muito terreno. (MEDEIROS, 2010).

Em contrapartida, moradores desde a década de setenta, negam essa afirmação, dizem que ele apenas trabalhava no hospital e não se envolvia nas questões dos terrenos. O seu filho, já várias vezes mencionado, e que tem o mesmo nome do pai, relata que este, ganhou terras, assim como vários outros e depois vendeu algumas partes, uma prática comum entre os moradores do novo bairro. Os dois relatos evidenciam um momento importante da história do bairro Piauí, o de que essas terras agora estavam sendo disputadas não só no âmbito político, mas também em negociações internas entre os próprios moradores.

Trocas, vendas e compras eram comuns, pessoas que recebiam doações de terrenos, vendiam uma parte, no intuito de conseguir dinheiro para levantar as suas casas, que devido à necessidade, eram feitas com material de qualidade duvidosa, como a palha e a terra batida para fazer casas de taipa, com o passar do tempo a construção estava deteriorada, demandando reparos urgentes. A década de 1980 marcou fortemente essa fase do bairro, sendo percebidas inclusive algumas mudanças no cenário político de Parnaíba que só se solidificaram no final deste período.

A partir do final da década de 1980, Mão Santa candidatou-se mais uma vez à prefeitura de Parnaíba, baseou sua campanha em promessas com relação ainda à antiga questão de legalizar as terras que até então, não eram legitimamente de seus moradores. No ano de 1989, Mão Santa foi eleito prefeito de Parnaíba e se inicia a partir daí, uma extensa obra de pavimentação, urbanização, instalação de água e energia elétrica, sem contar as tão desejadas entregas das cartas de aforamento, sobre isso Calixto conta que quando:

[...] O Mão Santa [...] se candidatou prefeito, ele foi eleito e o terreno que tivesse vaga [...] no bairro Piauí era pra ser doado pra quem quisesse morar, e aí ele fez a distribuição das cartas de aforamento [...] a votação dele lá foi esmagadora por isso [...] ele já tinha distribuído, agora ia regularizar, por isso ele foi eleito. Ele já vinha tentando três vezes e não conseguia, não conseguia porque o colégio eleitoral dos Silva era muito forte [...] quem o doutor Alberto dissesse que era candidato, tava eleito. [...] e o Mão Santa veio quebrar isso aí, como médico [...] era muito popular [...] A Mana, com a Adalgisa e ele começaram a plantar a semente muito antes do pleito eleitoral, já tava todo mundo sabendo que ele ia fazer isso e ele falou isso em palanque “se eu for eleito eu regularizo as terras”. Já era um plano dele, tanto que no momento que ele entrou, ele já foi regularizando tudo com cartas de aforamento, foi um festival de carta de aforamento. A prefeitura trabalhou dois anos só no bairro Piauí, só com carta de aforamento- bairro Piauí. No resto da cidade ninguém aforava nada [...] Quando o Mão Santa foi eleito ele começou a fazer o calçamento, começou a botar luz pra lá, que não foi gambiarra, foi luz direto, luz nos postes [...] A

Agespisa já tratou de puxar água [...] a prefeitura bancava a água de todo mundo do bairro Piauí. Luz era luz santa, água santa, tudo era santa lá, ninguém pagava nada [...]. (VIEIRA, 2010).

Pode-se ver, contudo, a forma como se desenvolveu a campanha e o governo de Mão Santa em Parnaíba, os benefícios feitos pela prefeitura nesta área da cidade, tinham o objetivo não só de melhorar a infra-estrutura do bairro, mas também de cativar as pessoas no sentido de obter seus votos futuramente, Mão Santa e sua esposa Adalgisa, principalmente ela, eram naquele momento figuras extremamente carismáticas, o que seduzia e encantava a população. Dona Alzenira que participou tanto das distribuições dos terrenos quanto das entregas das cartas de aforamento, falou em seu depoimento:

Quando nós viemos pra cá, com poucos tempos que nós tava aqui, a dona Adalgisa do Mão Santa foi quem liberou esses terrenos pra nós, foi quem deu a carta pra nós passada no cartório e tudo, registrado imóvel no cartório, tudim foi a Adalgisa que deu pra nós, a Adalgisa do Mão Santa. (CARDOSO, 2010)

Analisando as representações literárias do urbano, Pesavento observa a potencialidade da literatura enquanto leitura específica do urbano, “[...] capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço tem lugar” (2002, p.10). Desse modo, *O Cortiço* configura-se como um testemunho curioso de uma época em que a literatura pretendeu dominar a sociedade de seu tempo, “fotografando-a” através da pena de seus escritores.

Pesquisar um objeto é deparar-se com subjetividades, tanto do pesquisador, enquanto sujeito, quanto dos indivíduos envolvidos na pesquisa, já que estes tem um olhar, uma visão sobre o que o historiador se dispôs a estudar. No caso do bairro Piauí, os discursos referentes ao espaço e às pessoas que moram ali, são diversos. Muitas vezes esses discursos divergem, outras vezes concordam, as visões sobre essa área da cidade de Parnaíba, dizem o que os moradores da cidade pensam sobre o bairro. Neste trabalho, deu-se voz aos atores que vivem no bairro Piauí, como também àqueles que vivem em outros bairros, estes mais novos ou mais tradicionais.

Neste momento, pretende-se elucidar o modo de ver o bairro entre os próprios moradores, estes concordam que o bairro no início de sua constituição enquanto espaço de

sociabilidades, era visto com receio, inclusive por eles mesmos antes de mudarem-se para lá. A moradora Maria Alzenira relatou que as pessoas tinham até pavor do bairro, pelo fato de não ter energia elétrica e as ruas ainda não serem pavimentadas, mas afirma que nunca teve problemas com relação à violência ou criminalidade. Outra moradora também já mencionada na pesquisa, dona Luzia Menezes, quanto a isso diz que quando chegou no bairro, era tudo muito tranquilo, porém com o desenvolvimento e o crescimento, a violência apareceu e afirma que quem faz o lugar é quem mora nele, para esta senhora a vida nunca foi fácil, passou por muitas privações, mas a sua vivência no bairro sempre foi sossegada e mostrou satisfação em ter acompanhado todas as transformações ocorridas naquele lugar. Antônio Calixto em seu depoimento faz menção a este aspecto

se você falar com os moradores antigos de lá [...] eles vão falar do preconceito, porque era o bairro do ladrão, era o bairro da rapariga, era o bairro do maconheiro, era o bairro do lelé, viu? Falam muito isso, o que não houve no João XXIII. No João XXIII não teve tanto preconceito assim. No bairro Piauí, ali nas proximidades da Colônia tem demais. Não teve esse mesmo preconceito na área da Santana, da igreja Santana, não teve. Que tá mais afastado da Colônia. Naquela área ali das ruas Guaporé, Itauna até a Caramuru era muito preconceituosa. Dali pro outro lado lá nem tanto. Mas do lado de cá era muito preconceito.

[...] Olha elas eram muito massacradas pela mídia [...] Então, a ideia de quem morava aqui no centro era de que o bairro era uma desgraça.

[...] Vinculado pela mídia [...]. Quando as pessoas iam no bairro Piauí viam que não era isso. Mas quem é que ia? Só a pé[...]. As ruas tudo louca, ainda hoje as ruas não tem nome, muita rua é projetada, né? Placa de identificação Deus defenda e o povo ainda com medo de falar com o povo de lá que geralmente quando passava por um homem, era ele sem camisa, com facão na mão, era o povo, praticamente, de roça. [...] aí nivelava por baixo, todo mundo era mau, né? Uma menina [...] se andasse com *short* curto e fosse do bairro Piauí era rapariga, ela podia ser a melhor... a moça mais recatada do mundo, mas se ela vestisse uma roupa... não precisava ser muito sensual não, era rapariga. Então o preconceito era muito grande por isso. Aí foi desmistificando à medida que o pessoal foi conhecendo o bairro e aí a parte do comércio começou a se mudar pra Pinheiro Machado [...] mas nós que morávamos lá, o bairro Piauí era uma beleza [...]. A gente ficava triste de vim era aqui pro Curri no bairro Nova Parnaíba, tinha maior medo de vim pra Vera Cruz aqui na Coroa ou nos Tucuns. Pra nós lá, o perigo era isso [...] (VIEIRA, 2010).

A visão dos moradores do bairro Piauí, expressa dentre outros fatores a dificuldade financeira, o preconceito vivido no início da consolidação do bairro, a denúncia do erro em considerar o bairro violento, perigoso, habitado por criminosos e prostitutas. No entanto, levou-se em consideração também, no sentido de entender os discursos em torno do bairro Piauí, as impressões de pessoas que moram em outros bairros de Parnaíba, estas foram obtidas por meio de um questionário, que buscava saber qual o relacionamento desses parnaibanos com o bairro Piauí, se este existia e como se desenrolava. O questionário foi aplicado entre dez moradores da cidade, cada uma dessas pessoas mora em bairros diferentes.

A Análise desses discursos foi a de que, entre todas as pessoas que responderam ao questionário, uma diz não conhecer o bairro Piauí, nem nunca ter ido até lá. Todas as outras, tem ou tiveram uma certa aproximação com o lugar, a aproximação é com relação a visitas à amigos, lazer ou simplesmente via de trajeto. A maioria dessas pessoas ainda tem uma imagem negativa do bairro, dizem que é ruim, marginalizado, com gangues, perigoso, mas concordam que cresceu e evoluiu, no sentido econômico.

A outra parcela das pessoas, veem o bairro sob outros aspectos, afirmam que por ser muito grande, tem focos de marginalidade, mas esse fator está presente em todos os bairros de Parnaíba, se existe perigo, em outros locais da cidade também tem, sendo dessa forma visto como um bairro bom, tendo inclusive características presentes nos demais. Porém quando indagados se morariam no bairro Piauí, disseram que não, principalmente por não gostarem do lugar e por ser distante de muitas áreas da cidade, inclusive do centro.

Embora o bairro Piauí tenha crescido muito, seja o maior bairro da cidade de Parnaíba, ainda é visto com certo receio. A afirmação unânime das pessoas que responderam aos questionários, de que não morariam nesta área da cidade, ainda que falem das mudanças ocorridas no bairro e das características semelhantes entre este e outros, expressa ainda uma resistência, sentida nos discursos descritos, evidenciando a força que a imagem negativa deste bairro ainda tem, entre as pessoas que não o conhecem.

Fica assim demonstrado o caráter profundamente subjetivo do trabalho do historiador, concordando com Walsh quando este afirma que “[...] a história imparcial, longe de ser um ideal, é uma impossibilidade concreta” (1978, p.21), seja pelo grau de intervenção operado pelo historiador ou pela subjetividade inerente às fontes utilizadas, sejam elas documentos oficiais, romances, fotografias ou obras de arte. O reconhecimento deste postulado, ao invés de excluir a História do domínio da ciência, apenas garantirá ao conhecimento histórico maior profundidade e ao historiador uma compreensão mais clara de seu ofício.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade enquanto imã, enquanto espaço de materialidade, sociabilidade e sensibilidade, estruturaram as discussões desta pesquisa. O bairro Piauí, no decorrer de sua consolidação foi imã, pois atraiu pessoas de muitos outros lugares, que buscavam melhores condições de vida em um lugar próprio para viverem com suas famílias. Atualmente é, de acordo com Pesavento (2007), *materialidade*, as suas edificações foram transformando-se à medida que Parnaíba crescia, embora ainda existam as casas de taipa, as residências dos moradores deste bairro são de tijolos e cobertas com telhas, o comércio maior fonte de renda do lugar desenvolveu-se tanto, que tornou-se quase independente do restante da cidade. O bairro Piauí é neste aspecto uma cidade dentro da cidade de Parnaíba.

É *sociabilidade* e os diversos atores que atuam neste espaço possuem hábitos e práticas de interação que mostram as relações sociais existentes neste bairro. A partir disso pode-se dizer que o bairro Piauí também é *sensibilidade*, ele atribui valores à seus moradores, que podem ser os mais diversos, mas que remetem a um sentimento forte de pertencer e ser protagonista da história deste lugar.

A pesquisa aqui apresentada evidenciou apenas alguns aspectos da história do bairro Piauí, no sentido de compreender como este bairro chegou a ser o que é. Os sujeitos envolvidos no trabalho foram de extrema importância para o desenvolvimento desse estudo, onde através de seus relatos e experiências com o lugar pode-se entender como o bairro se consolidou enquanto espaço de materialidade, sociabilidade e sensibilidade.

As fontes hemerográficas foram decisivas para conhecer as disputas políticas em torno dessa área de Parnaíba, onde estudos anteriores apresentavam apenas a distribuição de cartas de posse dos terrenos de forma amena e sem conflitos. O poder público municipal em um embate político-partidário com o governo estadual no início da década de 1980, demonstraram toda a força desse momento. A efetiva legalização das terras, entregues aos moradores, ocorreu no final dessa década com a eleição de Mão Santa à prefeitura de Parnaíba. Este fazendo uso de sua figura carismática conseguiu por muito tempo manter-se no poder dentro do Estado do Piauí. Através de obras de infra-estrutura e melhorias no bairro Piauí, ganhou a confiança de muitas pessoas daquele lugar, garantindo assim muitos votos em futuras eleições.

Outro elemento verificado no percurso da pesquisa, especialmente, através dos relatos orais, foi a maneira como os moradores do bairro Piauí sentiam o acentuado preconceito por parte de moradores da outra cidade dentro de Parnaíba. Nos discursos

analisados percebeu-se que os habitantes do bairro sempre tiveram uma vida tranquila baseada em muito trabalho pesado, mas não envolvidos com criminalidade, a maioria das pessoas que escolheram o bairro Piauí para morar, o fizeram por necessidade financeira, pois sem condições de adquirir residência própria em outro lugar da cidade, devido o alto valor dos imóveis, nesses locais, viram-se impulsionados a estabelecerem moradia nesta área de Parnaíba, mas sempre buscaram a sobrevivência através do trabalho e de muitas privações, encaravam os estereótipos como algo que existia, porém não impedia que continuassem o desejo de terem uma vida com um pouco mais de conforto. Concordam, inclusive, que a violência só tornou-se mais acentuada à medida que o bairro crescia, surgindo assim alguns focos de marginalidade.

Quanto aos moradores de outros bairros da cidade, que tiveram seus discursos analisados por meio de questionários, afirmam que o bairro Piauí nunca seria uma escolha de moradia, apenas em caso de extrema necessidade. Porém constatou-se que, reconhecem o crescimento deste, mas apenas pelo viés econômico e que a violência dentro da cidade de Parnaíba não existe somente neste bairro, mas também em todos os outros, pois à medida que a cidade se desenvolve acaba atraindo a marginalidade, independente da área. Pensamento explicitado por Michel Misse, quando diz:

[...] a criminalidade se espalha igualmente por todas as classes, sendo apenas mais perseguida nas classes subalternas que nas dominantes, e que os “pobres, mas honestos” se distinguem a si mesmos dos “vagabundos e bandidos” tanto quanto um “empresário sério e consciencioso” se distingue dos estelionatários e corruptos [...]. (1993, p.07).

A visão dos parnaibanos em relação à este bairro, é atualmente, mais tolerante, contudo ainda prevalece o receio, em habitar este espaço, mesmo que de forma menos acentuada. Assim este breve estudo, possibilitou o conhecimento de aspectos relevantes sobre a história do bairro Piauí de Parnaíba. A pesquisa em hipótese alguma pode ser considerada encerrada, pelo contrário, outras interrogações podem surgir a partir desse trabalho, que tanto pode ser complementado ou desconstruído, dependendo somente do caráter subjetivo do historiador e da forma como irá direcionar sua análise em torno deste objeto, sugerindo-se para este intuito, compromisso e sensibilidade para seguir em frente. E sabendo da existência de poucos estudos sobre os bairros da cidade de Parnaíba, é que se espera que esse trabalho se faça importante para quem deseja se engajar a conhecer a história de sua cidade, desvendando significados que merecem vir à tona, contribuindo assim, para enriquecer uma história repleta ainda de vários espaços a serem explorados e conhecidos pelos seus habitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAKEN, Carlos. Estórias de uma cidade muito amada. Parnaíba: Informaster Sistema, 1988.

AZEVEDO, Aluísio Tancredo Gonçalves de. **O Cortiço**. São Paulo: Escala, 2005.

BARROS, Sandra Chaves Pessoa. História e Memória da Urbanização do Bairro Piauí: da origem aos dias atuais. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa, et al (org). **Fragmentos Históricos: Experiências de Pesquisa no Piauí**. Parnaíba: Sieart, 2005.

BRESCIANNI, Maria Stella M. Historiografia das cidades, um percurso. FREITAS, Marcos César de (org.). historiografia em perspectiva. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Uma leitura sobre o espaço urbano. In: CARLOS Fani Alessandri. **O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **A Cidade**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano- artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____; GIARD, Luce; MAYOL Pierre. **A Invenção do Cotidiano- 2. Morar e cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. Os trabalhos da memória. In: BOSI Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 2. Ed. São Paulo: vértice, Editora Universidade de São Paulo, 1987.

CORRÊA, Roberto Lobato. Introdução, O que é espaço urbano? In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço Urbano**. 4. ed. São Paulo: 2002.

COULANGES Apud LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. ROMANO, Ruggiero de. (Dir.). **Enciclopédia Einaudi**. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e outros. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. Documento/Monumento. ROMANO, Ruggiero de. (Dir.). **Enciclopédia Einaudi**. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e outros. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984.

_____. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. [et al] 5. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Francisca Lidiane de Sousa. O bairro Mafuá de 1970 a 1990, uma construção histórica a partir das fontes orais. In: VAINFAS, Ronaldo; NASCIMENTO, Francisco Alcides (org). **História e Historiografia**. Recife: Bagaço, 2006.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina- (1935-1945). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

PASSOS, Caio. Cada Rua sua História. Parnaíba: s/e, 1982.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**, 2. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2008.

_____. **O Imaginário da Cidade**: Visões Literárias do Urbano. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

RIBEIRO, Antônio Rodrigues. **Parnaíba**: Presente do passado. Parnaíba: Gráfica Ferraz, 2003.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

TEIXEIRA, Marlene P.V. e MACHADO, Rosa Maria. Conceito de Bairro – unidade popular ou técnica?. In: **Anuário do Instituto de Geociências**- UFRJ. Rio de Janeiro, 1986.

WALSH, William H. **Introdução à Filosofia da História**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

ARTIGOS DE REVISTAS E JORNAIS:

FERREIRA, Antonio Celso. História e literatura: fronteiras móveis, desafios disciplinares. **Pós-História**, Assis, n. 04, p. 27, 1996.

HISTÓRIA DE PARNAÍBA: registros discursivos entre o porto e o pelourinho. **O BEMBÉM**, Parnaíba, jan. 2008.

MISSE, Michel. Crime e Pobreza: velhos enfoques, novos problemas. **Brasil em perspectiva**: os anos 90. Rio de Janeiro: Departamento de Ciências Sociais do IFCS/ UFRJ, 1993.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Em busca de uma cidade perdida. **Scientia et spes**, Teresina, v. 01, n. 2, 2002.

PATRIMÔNIO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADE. **O PLAGÜI**, Parnaíba, jan. 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatay. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n° 53, jan.-jun., 2007.

_____. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (Séculos XIX e XX). **Anos 90**, Porto Alegre, n. 04, p. 117, dez. de 1995.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n° 3, 1989.

SOZINHO. **O PIAGÜI**, Parnaíba, ago. 2008.

VASSALO, Ligia. Entre Sobrados e Cortiços. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 5, n° 51, dez., 2009.

VÉSPERA. **O PIAGÜI**, Parnaíba, mar. 2008.

FONTES ORAIS:

CARDOSO, Maria Alzenira. **Entrevista concedida a Yonária Oliveira Cornélio**. Parnaíba, 03 de Abril de 2010.

MEDEIROS, Sandra Maria Portela. **Entrevista concedida a Yonária Oliveira Cornélio**. Parnaíba, 30 de Março de 2010.

MENEZES, Luzia Lopes. **Entrevista concedida a Yonária Oliveira Cornélio**. Parnaíba, 03 de Abril de 2010.

SOUSA, Reginaldo Rodrigues de. **Entrevista concedida a Yonária Oliveira Cornélio**. Parnaíba, 03 de Abril de 2010.

VIEIRA, Antônio Calixto Silva da Rocha. **Entrevista concedida a Yonária Oliveira Cornélio**. Parnaíba, 30 de Março de 2010.

FONTES HEMEROGRÁFICAS:

CENSO DEMOGRÁFICO 2002. Resultados do Universo. Tabela 3.1.3.9. população residente, por situação e sexo, segundo as Mesorregiões, as Microrregiões, os Municípios, os Distritos, os subdistritos e os Bairros/ Piauí.

DIÁRIO OFICIAL, Teresina, 17 agosto de 1981.

PIAUI OU MALVINAS. **FOLHA DO LITORAL**. Parnaíba, 09 out. 1982.

PREFEITURA CONCLUINDO CALÇAMENTO NO BAIRRO DE FÁTIMA. **NORTE DO PIAUÍ**. Parnaíba, 15 set. 1981.

PREFEITURA EXECUTANDO OS SERVIÇOS DA MELVIN JONES. **NORTE DO PIAUÍ**. Parnaíba, 27 out. 1981.

QUASE PRONTA A ILUMINAÇÃO DA MELVIN JONES. **NORTE DO PIAUÍ**. Parnaíba, 19/20 set. 1981.

VOLTOU A PAZ NAS “MALVINAS”. **FOLHA DO LITORAL**. Parnaíba, 22 set. 1982.

VOZES DO NORTE. **FOLHA DO LITORAL**. Parnaíba, 09 out. 1982.

ANEXOS

UMA DO LITORAL DO PIAUI

Irmã Socorro Silva

Aniversariou ontem, a Irmã Socorro Silva, dedicada mestra, Superiora do Colégio Integrado Nossa Senhora das Graças da Ordem de Santa Catarina de Sena, que tem impulsionado aquele modelar estabelecimento de ensino de nossa terra.

Bairro Magalhães
Lista Leão

NÚMERO AVULSO CR\$ 30,00

ANO XXIV

Voltou a paz nas «Malvinas»

Apesar da agitação que campeou durante muito tempo, orientada por políticos sem mensagem, no chamado bairro Piaui, que prometiam o impossível sem a mínima condição de cumprir o que acenavam aos humildes moradores daquela área da cidade, aquela pobre gente tomou consciência da verdade, e passou a reinar a paz naquele local da cidade.

Representantes da oligarquia em nossa terra, prometeram aquelas terras aos moradores e ainda disseram que dariam água e luz de graça, quando de uma «pedra» só, a promessa fica desmora-

ACEP fez concentração de protesto

A Associação Colegial dos Estudantes Parnaibanos - ACEP, realizou na tarde de ontem no monumento da aguiá, uma concentração pública, que contou com a participação de estudantes de vários estabelecimentos de ensino da cidade, em sinal de desagravo peia maneira deselegante e brutal como agiu o diretor do PREMEM em nossa cidade, impedindo que o estudante Francisco das Chagas Silva Oliveira, (tribuzana) penetrasse naquele estabelecimento de ensino para um contato direto com

Vozes do Norte

Os agentes do PDS de Parnaíba vêm pregando, há alguns dias, que estarão, nesta cidade, o Chefe do governo do Estado e sua comitiva, com a finalidade de inaugurarem várias «obras» públicas e, especialmente, distribuírem grande quantidade de cartas de aforamento aos moradores do Bairro Piauí conhecido, mais vulgarmente, como Malvinas. Nada mais enganadora do que essa divulgação — mera tentativa, no sentido costumeiro de engodar a gente boa desta terra, com vistas a obter o voto dos ricos e menos avisados. Com efeito, obras públicas não existem para serem inauguradas, e não ser a Rodoviária, que é realmente feito com recursos do Governo Federal e da Prefeitura Municipal, já que as obras que serão postas em funcionamento entraram no suor dos seus proprietários; no caso, os empresários José Wilson e Gerardo Araújo, a quem apresentamos os nossos cumprimentos, pela feliz iniciativa.

COM relação aos badalados títulos de aforamento, preferimos não acreditar no que estão dizendo os «cabos eleitorais» do partido situacionista. E assim, procedemos porque não cabe em cabeça de ninguém, que tenha a mente sã, que o Governo do Estado tenha competência legal para emitir Carta de Aforamento; que o Código Civil também, de enfiteuse, mormente quando é sabido que as terras do bairro Piauí ou Malvinas, pertencem ao patrimônio municipal de Parnaíba. Essa convenção não passa de mais uma deslavada inventada que os arautos de Karnak querem expor à gente pobre desta cidade. Que se acantelem e se preparem as possíveis vítimas dessas acalãs e «rasga-mortalhas» — porta-vozes do agouro, e da maldição. O traque mão santa é tão imoral e tão falso que, para sua execução, macabra, está mandando confeccionar numa tipografia de Parnaíba as «cartas de aforamento» que dizem serão distribuídas às humildes famílias que moram nas Malvinas ou bairro Piauí. Como se vê, trata-se de mesquinho pedaço de papel, sem qualquer valor jurídico, que, apesar de sua desvalia, recebe a assinatura do Governador, conestando, assim, todo esse fantástico expediente. Será verdade que tudo isso vai acontecer mesmo? — Será possível que o nome do nosso Estado tenha mudado, em função do que se pratica, em nome do seu governo? — Será possível que o contra-revolução substitua a nossa bandeira verde-amarela? — Será possível que não tenha mais o nome de seus proprietários, e modo de aquisição, e documento por Arto do Governador? — Será possível que não tenha mais o nome de Parnaíba e sua povoação?

Piauí ou Ma

Na última quinta-feira, o Sr. Hilberto Magalhães fez referência ao Bairro Piauí desta cidade, e fez destacamos os seguintes fatos:

«Todo brasileiro conhece, pelo menos nós nordestinos, a história de Chico Rei, que foi um camponês que foi vítima da distribuição de terras na região do Pernambuco, e foi vítima da distribuição de terras ou seja ele quis a que lhe pertencia. Todas as terras de quem as possuía, que ele quis, as tinha. E o Governo português chegou a dizer que viu aquilo em gesto e subversão».

Algo muito parecido com o que aconteceu nas Malvinas de Parnaíba, mais precisamente no Bairro Piauí, paralelo à av. Melvin Jones, há que se vê os papéis se inventam. São os representantes do governo que querem dividir terras que pertencem aos moradores daquela área.

Várias pessoas já receberam o documento municipal e por conseguinte, o documento municipal tem a situação de aforamento e a situação de aforamento destas terras».

Mas o que ocorre é o seguinte: há quem dizendo que o governador do Estado vai dividir as terras da propriedade dos cidadãos nordestinos, e quem diz, o que não passa de mais uma tentativa de enganar a inocência da desdoidice de quem.

NOTA

O Subdelegado de Trabalho de Parnaíba avisa à Indústria, Comércio e Serviços em geral que nos dias 11 e 12 de outubro serão feriados religiosos consagrados à Padroeira de Parnaíba e à Padroeira do Piauí, respectivamente.

Parnaíba, 07 de outubro de 1966

Bel. Marcondes Cavalcante de Albuquerque

Subdelegado

Luta de foice entre partidários de Adalberto

O Sr. Adalberto Correia Lima, que se encontra entre nós, quando foi preso, e que está com mais de 100 dias de prisão, que ele odeia, por que odeia um Sr. que tem três filhos.

Para que exemplifiquemos um fato, que aconteceu, basta que citemos um caso, que aconteceu em Cordeiros, onde os Sr. Adalberto Correia Lima, que odeia, por que odeia um Sr. que tem três filhos, porque a sua esposa, que tem três filhos, morreu, e ele ficou com os três filhos.

O Sr. Adalberto Correia Lima, que se encontra entre nós, quando foi preso, e que está com mais de 100 dias de prisão, que ele odeia, por que odeia um Sr. que tem três filhos.

FOLHA

985

Voices do Norte (Conclusão da 1ª página)

dibriado, inclusive, na sua boa fé, passa, agora, a reagir e a exigir de todos uma reação conjunta, no sentido de dizer NÃO a toda essa «gang» de embusteiros e mistificadores, no pleito de 15 de novembro, desde o desprezível verme ofensor da honra alheia, ao tutelado americano que, num sono de pança cheia, sonhou dar continuidade a esse estado de miséria em que esta mergulhado o Piauí.

V OZES do Norte haverão de se juntar aos gritos que partem do Sul, embora roucos, à falta até de água para lhe saciar a sede, num diapásão uníssono, reclamando justiça e liberdade para todos; comida para os que sofrem as agruras de um estômago vazio. O parnaibano, que ama a sua terra, ou a terra dos seus filhos, dará, fatalmente, as costas, como sinal de desprezo e repúdio hoje, à comitiva karnakiana, — e semdeiros profanadores de sua cidade — os escudeiros. «perdeu essa».

Festa da «Piauí»

DECLARAÇÃO

Eu, ANTONIO CALIXTO SILVA DA ROCHA VIEIRA, declaro, para os devidos fins e efeitos legais que autorizo YONÁRIA OLIVEIRA CORNÉLIO a utilizar minha entrevista em seus trabalhos

Parnaíba, 03 de Julho de 2010.

Antonio Calixto Silva da Rocha Vieira
Antonio Calixto Silva da Rocha Vieira

Yonária Oliveira Cornélio
Yonária Oliveira Cornélio

Associação dos Moradores do Bairro Piauí

P A R N A I B A — P I A U Í

ARTA DE POSSE E CUPAÇÃO



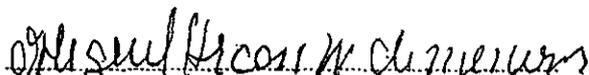
Associação dos Moradores do Bairro Piauí

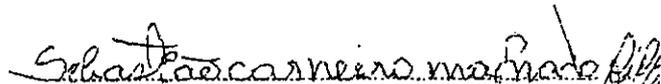
P A R N A I B A — P I A U Í

CARTA DE POSSE E OCUPAÇÃO

Declaramos para os devidos fins, que o Sr. ANTONIA
BRAGA DE SOUSA
ocupa o lote N.º 6150 da rua PRUDENTE DE MORAES
medindo 10m x 40m, desde o ano de 1977
no terreno que o Sr. Governador do Estado Dr. Lucidio Portela Nunes,
usando das atribuições legais que lhe são conferidas pelo art. 45, inciso 1,
da Constituição do Estado, através do decreto n.º 4.413, de 17 de agosto
de 1981, declarou de utilidade pública; para fins de desapropriação
7.940.000 (sete milhões novecentos e quarenta mil) metros quadrados, em
favor dos ocupantes de área, e CUJA ESCRITURA DEFINITIVA SERÁ EN-
TREGUE TÃ LOGO SEJA CONCLUÍDO PRO ÊSSO EM
REFERÊNCIA.

Parnaíba, 09 de Outubro de 1982


Miguel Arcânjo de Meneses
PRESIDENTE


Sebastião Carneiro Machado Filho
SECRETÁRIO

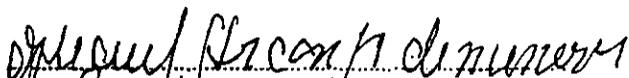
Associação dos Moradores do Bairro Piauí

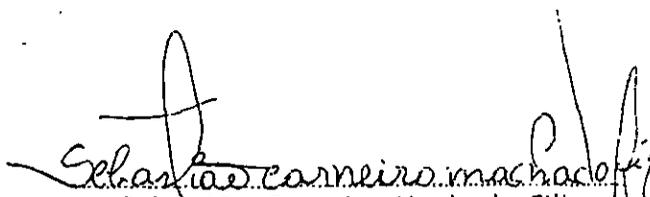
P A R N A I B A - P I A U Í

CARTA DE POSSE E OCUPAÇÃO

Declaramos para os devidos fins, que o Sr. JOSÉ NERIS
SILVEIRA
ocupa o lote N.º 1290 da rua SANTANA
medindo 9m x 30m, desde o ano de 1978
no terreno que o Sr. Governador do Estado Dr. Lucidio Portela Nunes,
usando das atribuições legais que lhe são conferidas pelo art. 45, inciso 1,
da Constituição do Estado, através do decreto n.º 4.413, de 17 de agosto
de 1981, declarou de utilidade pública; para fins de desapropriação
7.940.000 (sete milhões novecentos e quarenta mil) metros quadrados, em
favor dos ocupantes de área, e CUJA ESCRITURA DEFINITIVA SERÁ EN-
TREGUE TÃ LOG SEJA CONCLUÍDO PRO ESSO EM
REFERÊNCIA.

Parnaíba, 09 de Outubro de 1982


Miguel Arcanjo de Meneses
PRESIDENTE


Sebastião Carneiro Machado Filho
SECRETÁRIO

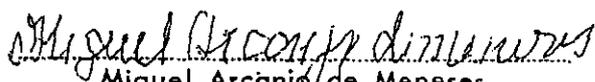
Associação dos Moradores do Bairro Piauí

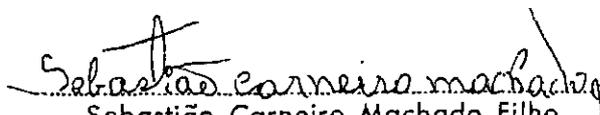
P A R N A I B A — P I A U Í

CARTA DE POSSE E OCUPAÇÃO

Declaramos para os devidos fins, que o Sr. FRANCISCO
GALENO DE ARAÚJO
ocupa o lote N.º 2085 da rua TRAV. MELVIN JONES
medindo 7m x 20m, desde o ano de 1979
no terreno que o Sr. Governador do Estado Dr. Lucidio Portela Nunes,
usando das atribuições legais que lhe são conferidas pelo art. 45, inciso 1,
da Constituição do Estado, através do decreto n.º 4.413, de 17 de agosto
de 1981, declarou de utilidade pública; para fins de desapropriação
7.940.000 (sete milhões novecentos e quarenta mil) metros quadrados, em
favor dos ocupantes de área, e CUJA ESCRITURA DEFINITIVA SERÁ EN-
TREGUE TÃ LOG SEJA CONCLUÍDO PRO ESSO EM
REFERÊNCIA.

Parnaíba, 09 de Outubro de 1982


Miguel Arcânjo de Meneses
PRESIDENTE


Sebastião Carneiro Machado Filho
SECRETÁRIO

6º — Reconhece, não obstante, a pena de comisso, o dever em que fica de pagar todos os foros e multas devidas pelo tempo em que esteve de posse do terreno.

7º — Além dos foros e multa da clausula terceira, pagará mais a multa especial de 100 pela falta de pagamento de três anos consecutivos, Foros do seu terreno em que tiver contribuições ou benfeitorias.

8º — Só poderá transformar o dominio útil do terreno ou parte dele, mediante licença do Prefeito Municipal a quem a solicitará previamente.

9º — Ser-lhe-á facultada a rescisão deste contrato, quando isso lhe convenha, cientificado o Prefeito desta sua resolução e pagando previamente todos os foros e taxas devidos pela posse anterior.

10º — Quando realizar a transferência do dominio útil de seu terreno, por venda ou doação em pagamento ou outra forma de transferência, e que o Municipio por seu Prefeito renuncie ao direito de opção, pagará o laudêmio de 6% sobre o preço do terreno, observando o valor oficial.

11.º — O aforamento não poderá, em tempo algum ser resgatado pelo foreiro.

12.º — O foreiro se obriga a beneficiar ou construir seu terreno, nos termos e condições expressas na legislação, sob pena das multas ou taxas nela consignadas.

E porque pelo mesmo Se. José Anaujo Barros

fossem aceitas todas as condições expostas e demais disposições legais, obrigando para seu cumprimento todos os seus bens presentes e futuro, foi-lhe expedido este titulo do aforamento que assinam o Prefeito, o foreiro, o Engenheiro e o Secretário do Departamento das Obras e Terras da Prefeitura do qual se lavrou cópia autêntica no livro de tomo n.º 53 à fls. 145

Data e passada em Paracatu (P.) 23 de julho de 1992

Francisco de Assis de Moraes Souza
Francisco de Assis de Moraes Souza
PREFEITO MUNICIPAL

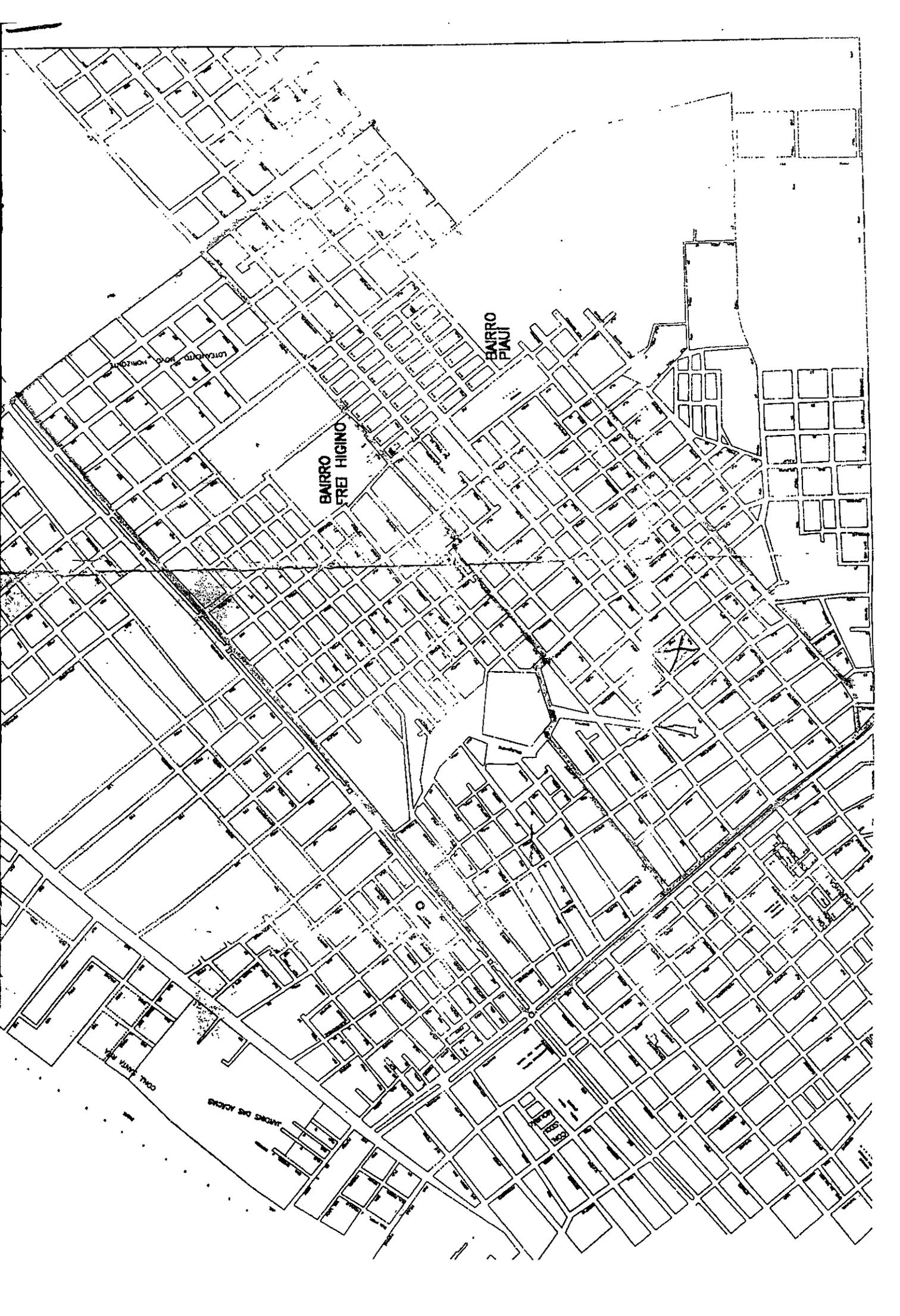
Benedito de Lima e Silva Filho
Benedito de Lima e Silva Filho
Sec. de Engenharia e Planejamento Urbano

José Anaujo Barros
José Anaujo Barros
Foreiro

Suely
Suely
Dir. de Terras e OBRAS

Registrada no livro de tomo n.º 53 à fls. 145 em 23/07/92

Se. Anaujo Barros
Se. Anaujo Barros
Secretário do D. O. T.



BAIRRO
FREI HIGINO

BAIRRO
PIAUI

BAIRRO
DAS JACUAS

LOTEAMENTO BOCA NOROCCIDENTAL

AV. VANDERLEI



GOVERNO
LUCÍDIO PORTELLA

DIÁRIO O

DIRETOR — DEPUTADO ANTONIO

ANO XLIX - 92ª DA REPÚBLICA - Nº 157 - TERESINA,

DECRETO Nº 4.413, DE 17 DE AGOSTO DE 1981

Declara de Utilidade Pública para fins de desapropriação o imóvel que especifica e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO PIAUÍ, usando das atribuições legais que lhe são conferidas pelo art. 45, inciso I, da Constituição do Estado,

DECRETA:

Art.1º- É declarado de Utilidade Pública, para fins de desapropriação, mediante acordo ou judicialmente o seguinte imóvel de propriedade da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra, de Parnaíba: um terreno situado na zona rural do patrimônio territorial do município de Parnaíba, no lugar "Carpina", com frente para o Sul, à margem do Igarapé do Brandão, medindo 1.000(mil) metros; lado direito, limitando com terrenos do Patrimônio Municipal, 8.000 (oito mil) metros de profundidade; lado esquerdo, limitando com terrenos do Patrimônio Municipal, medindo 1.000(mil) metros com a área total de 7.940.000(sete milhões, novecentos e quarenta mil) metros quadrados.

Art.2º- Fica a Procuradoria Geral do Estado, autorizada a promover, nos termos da legislação vigente, a desapropriação do terreno a que se refere o presente Decreto.

Art.3º- Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado do Piauí, em Teresina, 17 de agosto de 1981.

Lucídio Portella Nunes

Governador do Estado

Antônio de Almendra Freitas Neto

Secretário de Governo

Antônio Soares Leal

Secretário de Obras e Serv. Públicos

Abner Cavalcante Brasil

Secretário de Saúde

Luiz Gonzaga Soares Viana

Secretário de Trab. e Ação Social

Tabela 3.1.3.9 - População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo as Mesorregiões, as Microrregiões, os Municípios, os Distritos, os Subdistritos e os Bairros - Piauí

Mesorregiões, Microrregiões, Municípios, Distritos, Subdistritos e Bairros (1)	População residente						Código de município IBGE			
	Total	Homens	Mulheres	Situação do domicílio e sexo						
				Urbana				RURAL		
				Total	Homens	Mulheres		Total	Homens	Mulheres
Parnaíba	132 282	62 813	69 469	124 988	59 030	65 958	7 294	3 783	3 511	
Parnaíba	132 282	62 813	69 469	124 988	59 030	65 958	7 294	3 783	3 511	
Alto Santa Maria	7 035	3 427	3 608	7 035	3 427	3 608				
Beneditino	3 532	1 609	1 923	3 532	1 609	1 923				
Boa Esperança	3 290	1 482	1 808	3 290	1 482	1 808				
Campos	2 560	1 047	1 513	2 560	1 047	1 513				
Cantagalo	360	174	186	360	174	186				
Ceará	4 190	1 878	2 312	4 190	1 878	2 312				
Centro	1 327	503	824	1 327	503	824				
De Fátima	5 268	2 379	2 889	5 268	2 379	2 889				
Dirceu Arcoverde	5 545	2 608	2 937	5 545	2 608	2 937				
Do Carmo	2 627	1 166	1 461	2 627	1 166	1 461				
Frei Hilário	8 429	4 097	4 332	8 429	4 097	4 332				
Igarapé	3 770	1 819	1 951	3 770	1 819	1 951				
João XXIII	5 060	2 575	2 485	5 060	2 575	2 485				
Mendonça Clark	2 546	1 196	1 350	2 546	1 196	1 350				
Nova Parnaíba	6 797	2 997	3 800	6 797	2 997	3 800				
Piauí	15 592	7 542	8 050	15 592	7 542	8 050				
Pindorama	10 934	5 156	5 778	10 934	5 156	5 778				
Primavera	1 225	586	639	1 225	586	639				
Reis Veloso	1 509	689	820	1 509	689	820				
Rodoviária	3 017	1 469	1 548	3 017	1 469	1 548				
Sabiazal	844	418	426	844	418	426				
Santa Isabel	4 689	2 338	2 351	4 689	2 338	2 351				
Santa Luzia	3 581	1 745	1 836	3 581	1 745	1 836				
São Francisco da Guariíta	4 333	1 986	2 347	4 333	1 986	2 347				
São José	6 246	2 785	3 461	6 246	2 785	3 461				
São Judas Tadeu	1 837	893	944	1 837	893	944				
São Vicente de Paula	7 729	3 815	3 914	7 729	3 815	3 914				
Tabuleiro	1 116	571	545	1 116	571	545				
Sem especificação	7 294	3 783	3 511				7 294	3 783	3 511	

ESTIMATIVA DE POPULAÇÃO DE PARNAÍBA em 01/07/02 = 135.525
150 mil

10 11 12 13 14 15 16 17 18 19

Declaro Mancel Soares Feitosa, que eu MANOEL JOARES FEI-
TOUSA, casado residente à rua Prudente de Moraes, 6150, vendi
uma casa de palha com terreno medindo 10 m (dez) de frente
por 40 m (quarenta) de fundo, para o Sr. JOSÉ ARAUJO BARROS,
sendo a mesma que estava residindo.

Manoel Soares Feitosa
Manoel Soares Feitosa

testemunha

Parralíba, 01 de fevereiro 1999